

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS ANEXO BENS CULTURAIS INVENTARIADOS			CÓDIGO DA FICHA					
			SE	01	01	12	F1-	05
			UF	SÍTI	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Baixo São Francisco Sergipano
LOCALIDADE	Foz do São Francisco/SE
MUNICÍPIO / UF	Brejo Grande; Ilha das Flores; Neópolis; Santana do São Francisco/SE

2. RELAÇÃO DOS BENS

2.1. CELEBRAÇÕES

DENOMINAÇÃO	Festa de Nossa Senhora da Conceição				IDENTIFICADO		1	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	08 de Dezembro	LUGAR	Praça Matriz, Sede (Brejo Grande)				
DESCRIÇÃO	Principal festa da cidade de Brejo Grande, a Festa de Nossa Senhora da Conceição tem início no dia 29 de Novembro e vai até o dia 8 de Dezembro. Primeiramente tem-se o novenário, com procissões diárias. Para cada dia há uma temática em que a população se envolve de modo específico. Estes temas conferem homenagem aos cidadãos. Por exemplo: noite das crianças, jovens, motoristas, pescadores, viúvas, casais, terço da Misericórdia, Coração de Jesus etc., contemplando algumas camadas da população. O público católico participa ativamente da procissão, sendo conformato principalmente por um público de idosos e adultos. Apesar de marcarem presença, os jovens pouco participam, o que demonstra certa mudança na vida cultural e costumes religiosos. Após o novenário, tem-se o dia festivo que começa com alvorada, missa em homenagem à santa e batizados. Às 16 horas, os romeiros conduzem a procissão percorrendo as principais ruas e retornando à Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição.							
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Festa-Nossa-Senhora-da-Conceição_Santos, Padre-Adauto_Brejo_Grande-SE_08-12-2011.jpeg				Nº16	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	José Adalto dos Santos (Padre)				Nº6	Cf. Anexo 4		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de Santa Cruz				IDENTIFICADO		2
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	03 de Maio	LUGAR	Capela localizada na sede do município (Brejo Grande)			
DESCRIÇÃO	A Festa de Santa Cruz ocorre há pelo menos 200 anos e tornou-se uma festa tradicional em Brejo Grande. Em homenagem à Cruz, há missas todas as terças-feiras na sede do município. Para a festa é preparado o tríduo (três dias de exercícios e cultos religiosos antes da procissão) e no dia 3 de Maio ocorre a festa em louvor à Santa Cruz. Esta festa deriva da forte influência das missões religiosas jesuítas na região do Baixo São Francisco que, no século XVI, a partir de Penedo se estenderam até o interior da Bahia. O público envolvido é formado em sua maioria por pessoas idosas, católicas, que mantêm a tradição em louvor à crucificação de Jesus Cristo.						
REGISTROS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	José Adalto dos Santos (Padre)				Nº6	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa do Bom Jesus dos Navegantes da Foz do São Francisco				IDENTIFICADO		3
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Fevereiro (brejo Grande) 3º Domingo de Janeiro (Ilha das Flores e Santana do São Francisco) / Primeiro domingo de Janeiro (Neópolis)	LUGAR	Rio São Francisco - Brejo Grande / Ilha das Flores / Neópolis / Santana do São Francisco			
DESCRIÇÃO	A Festa de Bom Jesus dos Navegantes tem sua origem registrada no Baixo São Francisco entre os fins do século XVIII e começo do século XIX. A manifestação surgiu da necessidade da população ribeirinha, sobretudo os pescadores, de agradecer aos fenômenos naturais relacionados às cheias do Rio São Francisco, à abundância de peixes, à facilidade de navegar e a Deus. Não há uma data precisa sobre o início do festejo em Brejo Grande. Em Ilha das Flores e Neópolis, se iniciou por volta do princípio do século XIX, e em Santana do São Francisco por volta da década de 1940. Há forte envolvimento da comunidade local na sua organização. Primeiramente há o “tríduo”, os três dias de celebração que antecedem propriamente a Festa do Bom Jesus dos Navegantes. A procissão tem início às 15h, com uma cerimônia presidida pelo Padre da Paróquia e os devotos acompanham a missa na Igreja Matriz (Brejo Grande e Santana do São Francisco), na Igreja Matriz de Santo Antônio de Pádua (Ilha das Flores) ou na Igreja Matriz de Santo Antônio (Neópolis), em agradecimento às bênçãos alcançadas no decorrer do ano anterior. Ao fim da missa, ocorre o momento de renovação dos votos de fé. Após a cerimônia, a imagem de Bom Jesus dos Navegantes é retirada da igreja, o cortejo percorre as principais ruas da cidade e leva a imagem até a margem do rio em uma procissão terrestre. Em seguida, às 17h, ocorre a procissão fluvial, com o objetivo de saudar os fiéis católicos e a população do Baixo São Francisco. Em Brejo Grande, o percurso da imagem é feito em uma barca ornamentada, com saída da Igreja do povoado Saramém, indo até a Prainha onde as embarcações seguem em procissão pelo rio passando por diversas ilhas até chegar à Foz do Rio São Francisco. A barca realiza algumas paradas pelos povoados e cidades vizinhas, sendo uma na fazenda do Antigo Cabeço até o povoado de Riacho do Brejo. Em Ilha das Flores, o percurso é feito em uma balsa ornamentada, com saída na orla de Ilha das Flores, e o transporte da imagem realiza algumas paradas pelo município. A balsa passa pelos povoados de Bongue e Serrão, depois passa pela fazenda Cachimbão que fica em uma ilha do outro lado do rio. Em Neópolis, o percurso é feito em uma balsa ornamentada, com saída na orla de Neópolis e o transporte da imagem realiza algumas paradas pelos povoados e municípios vizinhos, como Penedo, Santana do São Francisco e segue para o Morro do Aracaré, situado próximo à orla. Cabe ressaltar que em 2011, após uma significativa redução de fiéis na embarcação, devido à proibição da Capitania dos Portos alegando questões de segurança, o padre Alailson Souza, pároco da Igreja de Santo Antônio, resolveu desembarcar a imagem e realizar apenas procissão terrestre. Na sede de Santana do São Francisco, o percurso é feito em uma barca ornamentada, com saída no porto, e o transporte da imagem realiza algumas paradas pelos povoados e municípios vizinhos, sendo uma no Povoado de Passagem Velha, depois no porto da Vila Operária da Passagem. Em seguida, navega entre Neópolis, Penedo e Sítio Valentim. No povoado de Saúde, o percurso é feito em uma barca ornamentada, com saída na Prainha do povoado e o transporte da imagem realiza algumas paradas pelos povoados e municípios vizinhos. Como ocorre com a procissão do distrito sede de Santana do São Francisco, há uma parada no Povoado de Passagem Velha, depois no porto da Vila Operária da Passagem. Em seguida, navega entre Neópolis, Penedo e Sítio Valentim. Após a realização do trajeto fluvial, a imagem de Bom Jesus dos Navegantes participa de uma nova procissão terrestre. Como último ato ela é levada para o						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		SE	01	01	12	F1-	05
--------------------------------------	--	----	----	----	----	-----	----

	interior da igreja do Povoado Saúde. Após a realização do trajeto fluvial, a imagem de Bom Jesus dos Navegantes participa de uma nova procissão terrestre. Como último ato, ela é levada novamente para o interior da Igreja. O público é formado principalmente pelos fiéis católicos e pescadores/canoeiros, sobretudo as comunidades com modos de vida tradicionais. São muitos idosos e adultos, mas poucos jovens acompanham o trajeto do Bom Jesus, “protetor dos navegantes”. Os pescadores seguem em suas embarcações, enquanto a congregação religiosa segue na barca maior atrás do andor onde fica a imagem. Em Brejo Grande, após o retorno da procissão, têm início as festas populares com bandas locais, com a festa “profana” chamada “Manhã de Sol”, organizada pela prefeitura. Em Ilha das Flores, pela manhã antes da Procissão ocorre uma tradicional forma de expressão do Baixo São Francisco, a Corrida de Canoas. O mesmo ocorre em Santana do São Francisco, que, além disso, durante o dia da procissão há o Encontro Cultural com diversas apresentações realizadas em alguns pontos da cidade, como apresentações teatrais, rodas de capoeira e trios elétricos de músicas de massa para atrair o público jovem. Tradicionais formas de expressão como Reisado, Chegança e Samba de Coco, os bailes e bandas de pífano que se apresentavam nesta celebração perderam lugar para este evento.
--	--

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
--------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

REGISTROS	F-Baixo São Francisco Festa do Bom Jesus dos Navegantes Souza, Eder Povoado Saúde-SE 12-02-2012 01.jpeg F-Baixo São Francisco Festa do Bom Jesus dos Navegantes Souza, Eder Povoado Saúde-SE 12-02-2012 02.jpeg F-Baixo São Francisco Festa do Bom Jesus dos Navegantes Souza, Eder Povoado Saúde-SE 12-02-2012 03.jpeg F-Baixo São Francisco Festa do Bom Jesus dos Navegantes Vasconcelos, Vanessa Povoado Saúde-SE 12-02-2012 01.jpeg F-Baixo São Francisco Festa do Bom Jesus dos Navegantes Vasconcelos, Vanessa Povoado Saúde-SE 12-02-2012 02.jpeg F-Baixo São Francisco Festa do Bom Jesus dos Navegantes Vasconcelos, Vanessa Povoado Saúde-SE 12-02-2012 03.jpeg F-Baixo São Francisco Festa do Bom Jesus dos Navegantes Vasconcelos, Vanessa Povoado Saúde-SE 12-02-2012 04.jpeg F-Baixo São Francisco Festa do Bom Jesus dos Navegantes Vasconcelos, Vanessa Povoado Saúde-SE 12-02-2012 05.jpeg F-Baixo São Francisco Festa do Bom Jesus dos Navegantes Vasconcelos, Vanessa Povoado Saúde-SE 12-02-2012 06.jpeg F-Baixo São Francisco Festa do Bom Jesus dos Navegantes Vasconcelos, Vanessa Povoado Saúde-SE 12-02-2012 07.jpeg F-Baixo São Francisco Festa do Bom Jesus dos Navegantes Vasconcelos, Vanessa Povoado Saúde-SE 12-02-2012 08.jpeg F-Baixo São Francisco Festa do Bom Jesus dos Navegantes Vasconcelos, Vanessa Povoado Saúde-SE 12-02-2012 09.jpeg F-Baixo São Francisco Festa do Bom Jesus dos Navegantes Vasconcelos, Vanessa Povoado Saúde-SE 12-02-2012 10.jpeg V-Baixo São Francisco Festa-Bom-Jesus-dos-Navegantes, Centro Educacional Municipal Tiradentes_Neópolis-SE_06-01-2011_24m38s.avi A-Baixo São Francisco_Entrevista-Roberto Batista Cruz (parte 1)_Andrade, Elza_Santana_do_São Francisco-SE_06-05-2012_06m15s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Roberto Batista Cruz (parte 2)_Andrade, Elza_Santana_do_São Francisco-SE_06-05-2012_21m14s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Roberto Batista Cruz (parte 1)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Santana_do_São Francisco-SE_06-05-2012_23m32s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Roberto Batista Cruz (parte 2)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Santana_Santana_do_São Francisco-SE_06-05-2012_07m53s.wave	Nº82 A 94, 434; 482 A 485	Cf. Anexo 2
CONTATOS	José Adalto dos Santos (Padre); Ana Lúcia Almeida Santos (D. Nena); Janete Leite dos Santos; Roberto Batista Cruz (Beto da "SUCAM"); Padre Clebson Ferreira Moura	Nº6, 10, 21, 26 E 35	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa do Padroeiro Santo Antônio de Pádua				IDENTIFICADO		4
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	13 de Junho	LUGAR	Igreja e Ruas da cidade, Sede do Município (Ilha das Flores)			
DESCRIÇÃO	Data desde o antigo nome da cidade, Ilha dos Bois. A Festa do Padroeiro Santo Antônio de Pádua, em Ilha das Flores, tem início em 1º de Junho, treze dias antes das procissões. Em cada dia de procissão há uma temática em que a população se envolve em ruas específicas. Estes temas conferem homenagem aos cidadãos. Por exemplo: noite das crianças, jovens, motoristas, viúvas, casais, terço da misericórdia, Coração de Jesus etc. Durante todos os dias de procissão há o café da manhã servido às 6h da manhã em uma das vias, contemplando toda a população. No dia propriamente festivo, o dia de Santo Antônio, há batizados e a missa em homenagem e benção ao Padroeiro e depois sai o cortejo, predominantemente de branco, que carrega a imagem em um andor pela cidade. Há apresentações de quadrilhas, reisado e pastoril na Praça de Eventos. O evento constitui um dos principais acontecimentos para a comunidade, composta por maioria católica, a qual executa junto às celebrações também ações de sociabilidade.						
REGISTROS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Ana Lúcia Almeida Santos (D. Nena)				Nº10	Cf. Anexo 4	

DENOMINAÇÃO	Procissão dos Homens (Fogaréu)				IDENTIFICADO		1
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Quaresma	LUGAR	Da Igreja ao Cemitério, Sede do Município (Ilha das Flores)			
DESCRIÇÃO	Celebrada sempre às segundas, quartas e sextas-feiras dentro do período relativo à Quaresma, a Procissão dos Homens em Ilha das Flores remete exclusivamente à participação de homens. Eles saem em procissão iniciada na Igreja e com parada principal no Cemitério da cidade. Apenas um homem entra no cemitério e inicia as "Orações das Almas". Os demais ficam fora respondendo às orações do alertador. O ritual começa com o "Chamamento", ainda na Igreja, passa às "Estações" (rezas em determinados locais da cidade) e por fim há as "Orações das Almas". Após isso, a procissão retorna à Igreja onde acontece o encerramento. A indumentária é constituída por roupas brancas cobrindo todo o corpo e os devotos carregam velas durante o trajeto. A comunidade, constituída em sua maioria por católicos, observa a procissão das portas das casas localizadas no percurso utilizado por esta, demonstrando curiosidade e devoção.						
REGISTROS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Ana Lúcia Almeida Santos (D. Nena)				Nº10	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Penitentes				IDENTIFICADO		5
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Quaresma	LUGAR	Sede do Município, Povoado Serrão (Ilha das Flores)			
DESCRIÇÃO	Celebrada durante a Quaresma, um pequeno grupo de fiéis realiza o ato da penitência ao longo de todo o período litúrgico. É uma antiga tradição, cuja origem se desconhece no município. Os fiéis vestem anáguas brancas, saem às ruas e percorrem as igrejas existentes até o cemitério para rezar pelas almas dos mortos. Durante o ritual, há a “Disciplina” que se faz com o uso de pontas de facas ou chicotes providos de lâminas na ponta, para autoflagelação. Com os cortes no corpo, os fiéis acreditam que o sangue derramado tem o objetivo de reduzir os pecados. Além dos Disciplinadores, há o grupo de Alimentadores de alma que oram pelas almas enquanto chacoalham um instrumento normalmente conhecido como “matraca”. Os homens devem passar por 15 dias de abstinência sexual. Após o ato de Disciplina, os fiéis tomam banho com álcool e depois se banham no Rio São Francisco. Ocorre no povoado de Serrão e na Sede do município de Ilha das Flores. A comunidade, constituída em sua maioria por católicos, observa a ação dos Penitentes demonstrando curiosidade e devoção.						
REGISTROS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Ana Lúcia Almeida Santos (D. Nena)				Nº10	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa do Padroeiro Santo Antônio				IDENTIFICADO		6
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	13 de Junho	LUGAR	Sede (Neópolis); Povoado Betume (Neópolis)			
DESCRIÇÃO	Data desde o antigo nome da cidade, que foi de Santo Antônio de Vila Nova, elevado à categoria de freguesia em 18 de outubro de 1679. A Festa do Padroeiro Santo Antônio de Pádua tem início 13 dias antes da procissão, em 1º de Junho, antecipando os dias para a homenagem ao Padroeiro. Em cada dia de procissão há uma temática em que a população se envolve em ruas específicas da cidade. Estes temas conferem homenagem aos cidadãos. Por exemplo: noite das crianças, jovens, motoristas, viúvas, casais, terço da misericórdia, Coração de Jesus etc. Durante todos os dias de procissão, há o café da manhã servido às 6h da manhã em uma das vias, contemplando toda a população. No dia festivo, dia de Santo Antônio, há batizados e a missa em homenagem e benção ao Padroeiro e depois sai o cortejo, predominantemente de branco, que carrega a imagem num andor. A rua de Santo Antônio torna-se no dia 13 o principal local de celebração. Após a trezena, ocorrem apresentações de quadrilhas, reisado e pastoril na Praça de Eventos. No povoado de Betuma, a festa segue a organização e o mesmo ritual observado na sede do município de Neópolis. Ganhou destaque entre a população devido a um fato curioso. Havia na capela do povoado Betume uma pequena imagem do Santo Antônio. Com o passar dos anos, a paróquia de Neópolis reformou a capela e trocou a pequena imagem por uma nova e maior para ter melhor visibilidade no altar. Após isso, nasceu o mito do Santo Antônio Caminhante. A população não acreditava que a pequena imagem pudesse ter vida própria, mas ocorreu que um dia após a troca a nova imagem foi encontrada no chão, quebrada, e a antiga ocupava o lugar que antes a pertencia no Altar. A paróquia fez nova troca e mais uma vez o fato se repetiu. Daí que suspeitaram que pudesse ter sido ação de algum devoto do Santo e levaram a antiga imagem para Neópolis e substituíram mais uma vez. Diz-se que, após isso, a pequena imagem do Santo Antônio saiu de Neópolis e caminhou até o povoado Betume para ocupar seu lugar. A população e a paróquia celebraram este fato como uma ação divina que se tornou a procissão do Santo Antônio Caminhante.						
REGISTROS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Janete Leite dos Santos				Nº21	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de Nossa Senhora do Rosário			IDENTIFICADO		7
				☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	7 de Outubro	LUGAR	Sede (Neópolis)		
DESCRIÇÃO	A Festa de Nossa Senhora do Rosário destaca-se por ser esta santa a primeira padroeira do município de Neópolis. A manifestação é datada da fundação da primeira igreja da cidade, com 400 anos, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Após a fundação da Igreja Matriz de Santo Antônio, adotou-se Santo Antônio como o padroeiro do município. Existem duas versões para a mudança de padroeiro. A primeira seria porque a cidade de Penedo, em Alagoas, conclamou Nossa Senhora do Rosário como sua padroeira e por isso a mudança em Neópolis. A segunda versão consta que a imagem de Nossa Senhora do Rosário, por ser de devoção dos negros, não correspondia aos anseios das camadas políticas e religiosas neopolitanas. Desta maneira, houve sua alteração. A segunda versão é mais condizente, pois até meados do século XVIII a coroa portuguesa controlou a atividade eclesiástica na colônia por meio do padroado régio e arcava com o sustento da igreja, o que proibia a entrada de outros cultos, em troca de reconhecimento e obediência. Neópolis, como os demais municípios sergipanos, apresentava um número razoável de negros que não poderiam prestar seus cultos aos seus santos devido a este mandato da coroa. A festa tem início com o novenário, antecedendo os dias para a homenagem à antiga padroeira. Em cada dia de procissão há uma temática em que os poucos devotos à Santa celebram a tradição, mas a festa em si é mantida pela paróquia matriz de Santo Antônio. Comenta-se que antigamente era uma festa que durava todo o mês de outubro.					
REGISTROS	Sem referência			Nº	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Janete Leite dos Santos			Nº21	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa da Padroeira de Nossa Senhora Santana				IDENTIFICADO		8
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Final de Julho	LUGAR	Sede (Santana do São Francisco)			
DESCRIÇÃO	A Festa da Padroeira de Nossa Senhora Santana, em Santana do São Francisco, tem início 15 dias antes da procissão com a retirada do Mastro (tronco de árvore) em homenagem à santa. As pessoas vão a cavalo até a entrada do município para derrubar alguma árvore de eucalipto que há na região. Antigamente eram acompanhadas por bandas de pífano que tocavam enquanto os participantes cavalgavam e bebiam durante todo o percurso. Um trator arrasta o mastro até a Igreja Matriz, onde é fincado com uma bandeira, permanecendo lá até o dia da procissão. Neste período ocorre a trezena (13 dias e 13 noites). Cada noite tem uma temática em que a população se envolve em ruas específicas da cidade. Estes temas conferem homenagem aos cidadãos. Por exemplo: noite dos motoristas; noite dos pescadores, noite das crianças, noite dos homens, noite das mulheres etc. No dia festivo, o dia de Nossa Senhora de Santana, há batizados e a missa em homenagem e benção à Padroeira e depois sai o cortejo, predominantemente de branco, que carrega a imagem num andor pelas principais ruas. No cortejo que canta os versos católicos em torno do tema e da Santa de Nossa Senhora Santana, há forte presença de pagadores de promessa. Em seguida retornam à Igreja. Ao final, ofertam-se comidas típicas e brinquedos às pessoas.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Roberto Batista Cruz (parte 1)_Andrade, Elza_Santana_do_São Francisco-SE_06-05-2012_06m15s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Roberto Batista Cruz (parte 2)_Andrade, Elza_Santana_do_São Francisco-SE_06-05-2012_21m14s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Roberto Batista Cruz (parte 1)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Santana_do_São Francisco-SE_06-05-2012_23m32s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Roberto Batista Cruz (parte 2)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Santana_Santana_do_São Francisco-SE_06-05-2012_07m53s.wave				Nº482 A 485	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Roberto Batista Cruz (Beto da "SUCAM"); Padre Clebson Ferreira Moura				Nº26 35 E	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Semana Cultural de Neópolis				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		9
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ciclo junino	LUGAR	Praça da Igreja Matriz e Praça de Eventos, Sede (Neópolis)			
DESCRIÇÃO	A Semana Cultural de Neópolis consiste em um conjunto de ações e solenidades organizadas anualmente pela prefeitura com o objetivo de divulgar e preservar as tradições folclóricas e culturais da cidade, além de promover a confraternização de toda a comunidade. É realizada sempre nas noites dos treze primeiros dias do mês de junho, antecedendo o dia em que é comemorado o padroeiro da cidade, Santo Antônio. Por tal motivo, o evento também é conhecido como Trezenário de Santo Antônio. A participação da população local é expressiva em todos os eventos, atraindo todas as gerações. Também é considerável o número de participantes que vêm de outros municípios, especialmente dos limítrofes. Durante todo o período, diversas bandas musicais são convidadas para apresentações na cidade. Elas privilegiam os ritmos tradicionais da região, tais como o forró, o baião e o xaxado. No entanto, nos últimos anos as bandas de ritmos mais modernos e jovens vêm imperando na programação, atraindo principalmente as gerações mais novas, que comparecem em peso. Algumas bandas utilizam, inclusive, trios elétricos que percorrem a cidade. As apresentações folclóricas e de culturas tradicionais também ganham espaço na programação, sendo executadas por grupos formados por integrantes da própria comunidade, apesar de contar com alguns de outros municípios. Estes últimos contribuem bastante para o resgate da memória coletiva da população neopolitana, uma vez que retomam manifestações antigas já esquecidas ou que já foram extintas na cidade. Todos os anos é realizado o concurso de quadrilhas na Semana Cultural, atraindo conjuntos de toda a região e até de fora do estado de Sergipe. A competição acontece durante todas as noites, sendo selecionadas as melhores de cada noite para uma apresentação final, que ocorre no último dia do evento, na qual é eleita a campeã. É comum haver premiação para o conjunto vencedor. Outra atração tradicional e bastante peculiar é o chamado “Barco de Fogo”, espécie de barco em miniatura, feito de madeira e papel colorido, que percorre ruas do Centro de Neópolis pendurado sobre um arame através de uma roldana, sendo impulsionado pelo efeito explosivo da pólvora que produz efeitos de pirotecnia. Atrai a curiosidade de muitas pessoas, principalmente de turistas. Também faz parte da programação uma cavalgada que se inicia no interior do município e que termina no Centro. Com duração de um dia, conta com a participação de cavaleiros de toda a região. A Semana Cultural também possui forte apelo religioso. Durante os treze dias do evento, são realizadas romarias às igrejas da comunidade e grupos de oração nas casas de famílias tradicionais. Nos nove dias que antecedem o dia de Santo Antônio, acontece uma novena na Igreja Matriz que se inicia às 17:30. No último dia, é celebrada uma missa em louvor ao santo que conta com ampla participação da comunidade católica. Após a missa, há batizados e algumas solenidades litúrgicas. A Igreja também é responsável pela tradicional queima de fogos-de-artifício que diariamente, às 05:30, desperta a população. O evento é comemorado há muitos anos na cidade. Inicialmente, consistia em manifestações espontâneas da própria comunidade que eram exibidas na Rua Santo Antônio, próximo à Matriz. Com o passar do tempo, elas ganharam força dentro da cultura local, ganhando espaço fixo dentro do calendário de eventos da cidade. Há aproximadamente vinte anos, a Prefeitura assumiu a organização e a divulgação da Semana Cultural, custeando a maior parte das despesas envolvidas. Atualmente, as atrações acontecem em diversos pontos da cidade, principalmente na praça em frente da Igreja Matriz Santo Antônio e na Praça de Eventos, a qual conta com arquibancadas fixas e pavimentação. Nesta última, é usualmente montado um palco que recebe grandes apresentações musicais. Durante a Semana Cultural, toda a cidade de Neópolis enfeita-se com bandeirinhas e demais alegorias típicas do período junino. Várias barraquinhas que comercializam comidas e bebidas típicas tomam conta das ruas da cidade.						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

REGISTROS	Sem referência	Nº	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Roberto Batista Cruz (Beto da “SUCAM”)	Nº26	Cf. Anexo 4

DENOMINAÇÃO	Encontro Cultural de Santana do São Francisco				IDENTIFICADO		10
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Última semana de janeiro	LUGAR	Santana do São Francisco			
DESCRIÇÃO	O Encontro Cultural de Santana do São Francisco é um importante evento cultural organizado há mais de vinte anos com o objetivo de divulgar e preservar as tradições culturais, além de promover a confraternização da comunidade. Não possui data fixa, ficando a cargo da Prefeitura Municipal definir o período de realização das atividades conforme os anseios da população e a disponibilidade de recursos, tendo em vista que ela é a responsável por custear todas as despesas envolvidas com a organização. Apesar disso, o Encontro Cultural é tradicionalmente celebrado na última semana de janeiro, num período de três a quatro dias, antecedendo a Festa de Bom Jesus dos Navegantes. O último dia é sempre em um domingo, o auge do evento. A participação dos habitantes locais é ampla e agrega diversas faixas etárias diferentes. Participam, também, alguns turistas, vindos principalmente de outros municípios de Sergipe. Dentre as ações desenvolvidas, destacam-se as apresentações de grupos folclóricos e musicais tradicionais, tais como os de reisado, samba de coco, bacamarteiros e rodas de capoeira. Tais grupos são formados por membros da própria comunidade local, assim como outros são convidados de municípios vizinhos. As apresentações ocorrem nos principais espaços públicos da cidade. Nas margens do Rio São Francisco, é montado um palco para receber grandes shows musicais, especialmente de bandas de massa e de grande repercussão midiática. Esses shows são muito prestigiados pela população mais jovem, apesar dos habitantes mais antigos declararem que eles desvirtuam o sentido original do evento, que seria a celebração da cultura tradicional. Durante os dias do Encontro Cultural, várias barracas instalam-se nas ruas oferecendo comidas e bebidas típicas. O evento possui vínculo com a religiosidade da comunidade, de modo que durante todos os dias de atividades há uma novena que é prosseguida da celebração de uma missa, na Igreja Santana. Entretanto, a adesão da população às cerimônias litúrgicas vem diminuindo.						
REGISTROS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Roberto Batista Cruz (Beto da “SUCAM”)				Nº26	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

2.2. EDIFICAÇÕES

DENOMINAÇÃO	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição de Brejo Grande				IDENTIFICADO		11
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	1893 – Atual	LUGAR	Praça da Bandeira, Sede do Município (Brejo Grande)			
DESCRIÇÃO	Construída em 1893, o primeiro templo católico de Brejo Grande, hoje Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, foi resultado da ação dos padres jesuítas, junto ao português Dr. José Alves Pires Tojal, que utilizou mão de obra dos nativos, os índios tupinambás. Segundo o entrevistado padre José Adalto dos Santos, durante quase um século, não teria sofrido grandes interferências do ponto de vista arquitetônico, caracterizado pelo estilo Barroco, comum à tradição jesuíta, tendo tido seu altar modificado em 1964, o qual foi confeccionado utilizando pedra em vez de madeira. Em 1995, uma terceira reforma substituiu o teto de madeira, por laje de cal, tendo instituído ao altar uma configuração arquitetônica com características similares ao estilo Neoclássico. As imagens de santos católicos são em sua maioria esculpidas em madeira, com exceção daquela que teria sido um presente do Papa Pio IX em 1913, a imagem do “Sagrado Coração de Jesus” confeccionada em gesso. Faz-se importante destacar a forte relação simbólico-cultural dos habitantes com a edificação, isso em razão de tratar-se de uma comunidade em sua maioria católica e que também vivencia nas celebrações de tal denominação religiosa, além de sua religiosidade, formas de sociabilidade.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Paróquia-Nossa-Senhora-da-Conceição_Santos, Padre-Adauto_BrejoGrande-SE.jpeg F-Baixo São Francisco_Paróquia-Nossa-Senhora-da-Conceição_Santos, Padre-Adauto_BrejoGrande-SE_02.jpeg				Nº14 E 15	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	José Adalto dos Santos (Padre)				Nº6	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Farol do Cabeço				IDENTIFICADO		12
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☒ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Fevereiro	LUGAR	Rio São Francisco / Prainha de Saramém (Brejo Grande)			
DESCRIÇÃO	A partir de 1876, a navegação no Rio São Francisco passou a ser sinalizada pelo Farol do Cabeço, situado na Prainha de Saramém, em Brejo Grande, e cuja construção é atribuída aos Holandeses. Atualmente encontra-se com metade de sua estrutura submersa pelo mar, que avançou sobre a área do antigo povoado, hoje totalmente submerso. Ao ser desativado no final dos anos noventa, outro farol foi erguido em sua substituição em uma croa próxima, localizada, contudo, em território alagoano. O antigo Farol do Cabeço é reivindicado pela população de Brejo Grande como um patrimônio histórico local, por ter sido através dele que a população ribeirinha e outras embarcações maiores que atravessavam o oceano se orientavam. Segundo a Sociedade Socioambiental do Baixo São Francisco - Canoa de Tolda (Fonte: http://canoadetolda.org.br/?p=6471/. Acesso em: 19 de Maio de 2012.), "O Farol do Cabeço tem grande importância como elemento símbolo do desastre socioambiental que vivemos no Baixo São Francisco". Em relatório sobre a sua atual situação, descreve-se: "O acesso ao interior da coluna só é possível com a maré baixa, pois é quando as croas que formam o complexo de bancos de areia em toda a foz impedem que as ondulações do mar adentrem a boca do rio". Como a água domina a base da coluna metálica, somente "... na maré baixa entra-se no farol com a água pela cintura. Além do afundamento da base de concreto, a erosão causou a inclinação do farol para nor-nordeste em cerca de 10°. Esta inclinação não oferece qualquer perigo ao acesso". O estado atual de conservação do farol indica que há corrosão em todo o entorno da base metálica e alto nível de salinidade, moluscos agregados às chapas metálicas e janelas sem vidros.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Farol-do-Cabeço_Sociedade Sócio-Ambiental do Baixo São Francisco-Canoa de Tolda_BrejoGrande-SE_07-01-2012.jpeg; F-Baixo São Francisco_Farol-do-Cabeço_Sociedade Sócio-Ambiental do Baixo São Francisco-Canoa de Tolda_BrejoGrande-SE_18-01-2012.jpeg; F-Baixo São Francisco_Farol-do-Cabeço_Sociedade Sócio-Ambiental do Baixo São Francisco-Canoa de Tolda_BrejoGrande-SE_08-01-2012.jpeg;				Nº2 A 4	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Sociedade Socioambiental do Baixo São Francisco - Canoa de Tolda				Nº3	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Monumento ao Bom Jesus dos Navegantes				IDENTIFICADO		13
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Atual	LUGAR	Povoado Serrão (Ilha das Flores)			
DESCRIÇÃO	Estátua em homenagem ao padroeiro protetor dos pescadores, Bom Jesus dos Navegantes. O monumento, no Povoado Serrão, em Ilha das Flores, possui a imagem de Jesus, com vestes em cores azul e vermelha, com a mão esquerda estendida a saudar os fiéis pescadores. Possui cerca de 2m de altura e está em bom estado de conservação. Segundo a entrevistada Janete Leite dos Santos, informações sobre a autoria e época de confecção do monumento foram perdidas pela oralidade. Contudo é tido pela comunidade como um dos principais símbolos de sua devoção ao Santo Católico.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Monumento-Bom-Jesus-dos-Navegantes_Souza, Eder_Ilha-das-Flores-SE_09-05-2012.jpeg				Nº18	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Janete Leite dos Santos				Nº21	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Neópolis				IDENTIFICADO		14
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Atual	LUGAR	Praça da Matriz, Sede (Neópolis)			
DESCRIÇÃO	O município de Neópolis apresenta forte religiosidade desde suas primeiras ocupações. Tanto é que a Igreja do Rosário, segunda mais antiga do estado de Sergipe, foi erguida há cerca de 400 anos, e situa-se na Praça da Matriz, próxima à Igreja Matriz de Santo Antônio, fundada há 333 anos. <i>“A igreja Nossa Senhora do Rosário se encontrava ao lado da forca que era o local de execução de negros que não seguiam as leis escravocratas. Conforme a história, esses negros antes de serem executados entravam na igreja de Nossa Senhora do Rosário, a padroeira dos negros, e pediam perdão pelos seus pecados e confessavam o seu crime, ao contrário das igrejas de Laranjeiras onde os negros não podiam sequer circular nas igrejas dos brancos, estes poderiam rezar e arrepender dos seus pecados perante sua morte”</i> (Fonte: http://historicossergipe.blogspot.com.br/2010/01/neopolis-e-sua-religiosidade.html. Acesso em: 16 de Maio de 2012.) Fez parte da origem da província de Sergipe Del Rey e de uma de suas primeiras vilas: Santo Antônio de Vila Nova. Por séculos permaneceu uma única religião a ser cultuada, a católica. Esta edificação, de construção modesta, foi adequada aos “usos” e “penitências” dos escravos. Contudo, através dos preceitos católicos e não como igreja atribuída aos negros e sua cultura originária. Este foi o modo de separar a população negra dos mesmos lugares que pessoas brancas descendentes de portugueses pudessem frequentar, mas subsumidos pela igreja. Este fato decorre da influência das missões católicas desde o período de colonização portuguesa. Para alguns moradores, é o marco zero da cidade e o berço da cultura da religiosidade de Neópolis. Também foi apropriada como forte por invasores holandeses protestantes, no entanto por pouco tempo. Depois que perdeu o status de matriz, por volta de 1638, tornou-se quartel-general de combatentes contra Maurício de Nassau. Há alguns aspectos a serem ressaltados em relação a esta edificação. Quando utilizada como forte havia um túnel de ligação às rochas que ficam à margem do Rio São Francisco. Em caso de saque, essas passagens secretas funcionavam como ponto de fuga. Atualmente há uma casa sendo construída sobre o túnel. A estrutura da igreja apresenta sacada e espaços internos bastante modestos, com estrutura em pedra e cal nas paredes e madeira no piso. O altar é simples, embora fora ornamentado em ouro à época e sua passarela é toda em madeira. Por trás do templo havia um pequeno jardim e hoje é um espaço de usos públicos. Sua condição atual demonstra a falta de preservação de um bem que faz parte da história e da identidade religiosa sergipana vinculada a um dos municípios mais antigos do Baixo São Francisco. O altar perdeu o acabamento original em ouro, depois caiu e foi em parte recuperado desde a atual reforma da Igreja Matriz (2012). As imagens originais foram acondicionadas na Igreja Matriz. Parte de sua estrutura é feita em madeira, também aplicado no piso. Por isso, cupins proliferaram, o que levou à danificação do piso de madeira e do próprio altar. O telhado danificado apresenta infiltrações que ameaçam toda a estrutura de desabamento.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Igreja-do-Rosário_Souza, Eder_Neópolis-SE_11-02-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Igreja-do-Rosário_Souza, Eder_Neópolis-SE_05-05-2012_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Igreja-do-Rosário_Souza, Eder_Neópolis-SE_05-05-2012_02.jpeg F-Baixo São Francisco_Igreja-do-Rosário_Souza, Eder_Neópolis-SE_05-05-2012_03.jpeg F-Baixo São Francisco_Igreja-do-Rosário_Souza, Eder_Neópolis-SE_05-05-2012_04.jpeg F-Baixo São Francisco_Igreja-do-Rosário_Souza, Eder_Neópolis-				Nº42 A 49	Cf. Anexo 2	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	SE_05-05-2012_05.jpeg F-Baixo São Francisco_Igreja-do-Rosário_Souza, Eder_Neópolis-SE_05-05-2012_06.jpeg F-Baixo São Francisco_Matéria-Igreja-do-Rosário_Souza, Eder_Neópolis-SE_07-05-2012.jpeg		
CONTATOS	Gildázio Pinheiro de Oliveira	Nº19	Cf. Anexo 4

DENOMINAÇÃO	Igreja Matriz de Santo Antônio de Neópolis			IDENTIFICADO		15
				☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Atual	LUGAR	Praça da Matriz, Sede (Neópolis)		
DESCRIÇÃO	Situada às margens do Rio São Francisco, a cidade tem uma vista privilegiada e destaca-se por possuir duas igrejas católicas na mesma praça, uma de frente pra outra, uma ocupação diferencial destacada pelos moradores de Neópolis. A Igreja Matriz de Santo Antônio, conhecida também como Paróquia de Santo Antônio, foi fundada em 1679, na praça da matriz da cidade e situa-se exatamente defronte à Igreja do Rosário, que leva o nome da santa protetora dos negros. Sua construção é considerada como principal expressão da separação da população negra escrava de Neópolis que não podia frequentar os mesmos lugares que pessoas brancas descendentes de portugueses. Este fato decorre da influência das missões católicas desde o período de colonização portuguesa. A Igreja de Santo Antônio foi erguida na época em que ocorreu a elevação de Vila Nova em freguesia. Havia então o compromisso das autoridades de edificar casa de câmara, cadeia, pelourinho e residências para moradores com os quais se formaria a vila. Em 1813, o templo se encontrava em mal estado de conservação e o telhado, que estava em ruínas desabou, o que levou a Igreja do Rosário a voltar a ser matriz. Especula-se que foi com a visita do Imperador do Brasil, D. Pedro II, em 1859 que a igreja foi restaurada. A obra só foi concluída em 1959, um século depois, ano que a igreja do Rosário perdeu mais uma vez o título de matriz paroquial. A igreja tornou-se o lugar principal de celebrações e cultos católicos para a região, como as manifestações da Procissão do Bom Jesus dos Navegantes e a Procissão do Padroeiro Santo Antônio. Atualmente encontra-se novamente em reforma em suas fachadas internas, altares e sacada, após ter passado um período com estrutura abalado devido às infiltrações.					
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Igreja-Matriz-Santo-Antônio_Vasconcelos, Vanessa_Neópolis-SE_08-02-2012.jpeg			Nº31	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Janete Leite dos Santos			Nº21	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

2.3. FORMAS DE EXPRESSÃO

DENOMINAÇÃO	Corrida de canoa				IDENTIFICADO		16
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Festa do Bom Jesus dos Navegantes (último domingo de janeiro e fevereiro)	LUGAR	Rio São Francisco- Brejo Grande / Neópolis / Santana do São Francisco (Sede e Pov. Saúde)			
DESCRIÇÃO	A Corrida de Canoa é uma das formas de expressão que perpassa o cotidiano e a sociabilidade entre pescadores. Antes de tornar-se competição, ocorria (e ainda ocorre) de maneira espontânea, visto que a atividade pesqueira exige o deslocamento com canoas, uma das razões de ter ganhado relevância nas práticas culturais dos municípios ribeirinhos. Era então uma forma de interagir trabalho e descontração entre dois ou mais pescadores que apostavam e disputavam a qualidade de suas próprias canoas, vencendo a aposta a mais veloz. Incluída nas celebrações da Procissão do Bom Jesus dos Navegantes do município de Brejo Grande e Neópolis, a corrida de canoa é um dos acontecimentos mais tradicionais. A corrida ocorre durante a festa, pois o Bom Jesus dos Navegantes é o santo protetor dos pescadores e velejadores dos rios. Assim, como forma de ganhar as águas, os pescadores expressam-se de forma lúdica através da competição. Ocorre antes da procissão e a corrida tem início no turno matutino, em horário acordado pelos competidores, a depender das fruições do vento. Os tipos de embarcação são Canoa Chata, Canoa de Pesca, Canoa de Carga e Canoa de Lazer. As apostas são realizadas por pares de embarcação. Durante a corrida, há a substituição do passo, sendo um passo maior, por isso exige um também mais expressivo por barco. A premiação é em dinheiro e vai para o primeiro, o segundo e o terceiro lugares. Hoje o evento possui data fixa, mas nem sempre foi assim. Sua logística é organizada por pescadores, os quais também participam como competidores. Atualmente em Santana do São Francisco, se trata de um evento que chega a ter apoio financeiro também da prefeitura do município. O público participa torcendo e realizando apostas às margens do rio. Sobre a importância de tal forma de expressão para a vida dos moradores locais, tem-se que é um dos acontecimentos mais aguardados nos dias de celebração do Santo Católico e protetor dos navegantes, conformando forte relação sócio-simbólica.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Roberto Batista Cruz (parte 1)_Andrade, Elza_Santana_do_São Francisco-SE_06-05-2012_06m15s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Roberto Batista Cruz (parte 2)_Andrade, Elza_Santana_do_São Francisco-SE_06-05-2012_21m14s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Roberto Batista Cruz (parte 1)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Santana_do_São Francisco-SE_06-05-2012_23m32s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Roberto Batista Cruz (parte 2)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Santana_Santana_do_São Francisco-SE_06-05-2012_07m53s.wave				Nº482 A 485	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	José Adalto dos Santos (Padre); Roberto Baptista Cruz (Beto da "SUCAM"); "Eleno do Bar"				Nº6, 26, E 37	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Pastoril				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		17
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☒ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ciclo Natalino; Junino e Semana Cultural (Ilha das Flores e Neópolis)	LUGAR	Povoado Brejão dos Negros (Brejo Grande) / Praça da Igreja do Povoado Jenipapo e Povoado Serrão (Ilha das Flores) / Praça da Igreja Matriz e Praça de Eventos, Sede (Neópolis) / Próximo a Igreja Matriz, Sede do Município, <u>Povoado Saúde</u> (Santana do São Francisco)			
DESCRIÇÃO	O Pastoril trata-se de um auto de natal, em que danças e cantos representam a alegria pelo nascimento do Menino Jesus. A maioria dos integrantes é composta por mulheres, sendo que grande parte é de idosas, mas contando também com a presença de adolescentes. A participação dos homens se dá na produção da sonoridade que envolve a apresentação, e os instrumentos tocados são o tambor, o triângulo e a zabumba. No município de Brejo Grande, o bem cultural foi identificado como vigente no povoado Brejão dos Negros. Ali, a memória local refere à existência de tal forma de expressão há aproximadamente cinquenta anos. A líder do grupo e entrevistada, Maria Dias Ferreira, conhecida como “D. Lila”, também responsável pela organização do grupo de Maracatu Patrocínio do Brejão, relata que a participação de mulheres mais jovens acontece em menor número se comparado a tempos antigos. “D. Lila” informa ainda que, das poucas jovens que integram o grupo, a maioria costuma permanecer enquanto são solteiras, demonstrando falta de disponibilidade para cumprir as atividades após o casamento. As apresentações acontecem na sede do povoado, em povoados próximos e em algumas ocasiões também na sede do município. Relata ainda que o público assiste a apresentação de forma animada, porém, comparando-a a tempos anteriores, quando de sua infância, há quarenta anos aproximadamente, compreende ser hoje a forma de expressão recebida com menor entusiasmo pela comunidade. Perguntada sobre os motivos prováveis relacionados a isso, ela explica que a juventude concede menos valor simbólico à brincadeira do que o faziam antigamente. Em Ilha das Flores, o Pastoril foi identificado nos povoados Jenipapo e Serrão, sendo categorizado, enquanto “ruína” e “memória”, respectivamente. No primeiro povoado, a fala da entrevistada Maria Djanira Bomfim referiu a não mais vigência de tal bem cultural há aproximadamente 30 anos, destacando este como esquecido pela grande maioria dos habitantes, bem como a inexistência de integrantes vivos. Maria Djanira ressaltou ainda o desinteresse por parte dos jovens do povoado em relação à forma de expressão, o que, para ela, é o resultado das novas dinâmicas de sociabilidade assumidas por estes nos dias atuais, que incluem sua busca por lazer em outros povoados e até municípios vizinhos, onde encontram opções de festividades caracterizadas por shows de bandas de <i>axé music</i> e forró. Sua fala destaca que antigamente o Pastoril era apresentado não somente no ciclo natalino, mas também configurava um momento de lazer e integração dos moradores do povoado durante as noites, “quando não tinha televisão”, destaca Maria. No povoado Serrão, localizado próximo a sede do município, o auto de natal também não é mais vigente há aproximadamente quinze anos. No entanto, a maioria dos integrantes do antigo grupo pode ser identificada em Serrão, inclusive manifestando interesse em retornar às atividades. As informações demonstraram a falta de apoio comunitário e do próprio poder público como razões preponderantes. Há que se destacar que o povoado Serrão é tida no município como sede de uma das comunidades que resguardam grande religiosidade cristã e, portanto, concebem grande importância simbólica à referida forma de expressão, cuja finalidade maior é a louvação ao nascimento do menino Jesus. Em Neópolis, também vigente, o auto-natalino é mantido por mulheres pertencentes à terceira idade, as quais formam o chamado grupo “Pastoril dos Idosos”, que costuma se apresentar nas ocasiões festivas relacionadas não somente ao ciclo natalino, mas também nas homenagens ao padroeiro Santo Antônio, que acontecem no mês de junho, na chamada Semana Cultural. Uma das integrantes do grupo, Roseane Dias Ferreira, nos diz que o grupo realiza apresentações sempre nos dias que correspondem ao trezenário de Santo Antônio, após a celebração, próximo à						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		SE	01	01	12	F1-	05
	praça da Igreja Matriz. Durante alguns anos a forma de expressão deixou de ser exercida pela comunidade em razão da falta de apoio financeiro por parte dos agentes públicos e da própria comunidade, tendo retornado suas atividades nos últimos anos em face da motivação presente em um grupo de mulheres idosas que tinham por objetivo principal tornar viva uma tradição “do tempo antigo”. Assim, a vigência da atividade coincide com a influência das memórias sociais inerentes às brincantes. Em Santana do São Francisco, foi identificado como vigente no povoado Saúde e como memória na sede do município. Os relatos colhidos junto a informantes locais (Maria Eunice Santos Santana e Jardilena da Silva) explicitaram a não mais vigência do bem cultural na sede do município há aproximadamente trinta anos, ressaltando a falta de interesse dos jovens da atualidade em manter uma atividade que, segundo ela, é tida pelas adolescentes como “coisa de velho”, e, portanto, motivo de constrangimento para elas. Já no povoado Saúde foi identificado um grupo formado predominantemente por mulheres idosas, com exceção dos tocadores de zabumba e triângulo. Sobre a dinâmica da apresentação, faz-se importante destacar que o antigo grupo existente, em seus dois cordões – as fileiras – em vez de azul e encarnado, contava com as cores verde e encarnado, diferenciando-o de outros grupos da região do Baixo São Francisco. A memória local não apresentou os motivos que norteariam tal modificação, informando apenas “que sempre foi assim”. As apresentações acontecem próximo às margens do São Francisco, onde está localizada a Igreja Católica, local que perfaz um importante espaço de sociabilidade do local.						
REGISTROS	V-Baixo São Francisco_Entrevista-Dona Amor (parte 1)_Andrade, Elza_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_00m54s.avi V-Baixo São Francisco_Entrevista-Dona Amor (parte 2)_Souza, Eder_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_07m00s.avi V-Baixo São Francisco_Entrevista-Dona Amor (parte 3)_Souza, Eder_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_02m23s.avi V-Baixo São Francisco_Entrevista-Dona Amor (parte 4)_Souza, Eder_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_01m17s.avi V-Baixo São Francisco_Entrevista-Dona Amor (parte 5)_Souza, Eder_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_00m39s.avi A-Baixo São Francisco_Entrevista-Maria Dias Ferreira_Andrade, Elza_Souza, Eder_Povoado Brejão dos Negros-SE_08-05-2012_33m26s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Maria Eunice Santos Santana_Souza, Eder e Andrade, Elza_Santana_do_São Francisco-SE_05-05-2012_45m23s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Jardilena da Silva_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_20m22s.wave	Nº443 a 447; 478; 481; 491	Cf. Anexo 2				
CONTATOS	Maria Dias Ferreira (“D. Lila”); Maria Djanira Bomfim; Edilsa Celestina Santos; Roseane Dias dos Santos Pereira; Maria Eunice Santos Santana; Jardilena da Silva (Dona Amor)	Nº1,12, 14;17, 25,31,40	Cf. Anexo 4				

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Samba de Coco				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		18
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☒ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ciclo Junino e Natalino	LUGAR	Praça da Igreja Católica do Povoado Brejão dos Negros (Brejo Grande) / Praça da Igreja do Povoado Jenipapo (Ilha das Flores) / Praça da Igreja Católica do povoado; povoados circunvizinhos; sede do município (Neópolis) / Lugares públicos, escolas, apresentações em eventos diversos (Santana do São Francisco)			
DESCRIÇÃO	O Samba de Coco é uma dança referencia o ritual de quebra de coco executado pelos negros escravos e era marcadamente caracterizado por traços também indígenas e sertanejos (matriz portuguesa). Durante o tempo em que ocorria no Povoado Brejão, em Brejo Grande, segundo Adalto do Carmo, a dança não possuía data fixa, sendo executada em vários períodos do ano, com maior incidência no período junino. O grupo era formado em sua maioria por idosos - mulheres em maior número -, embora jovens e adultos também participem. A indumentária utilizada caracterizava-se pelas estampas, saias rodadas para as mulheres e camisas estampadas para os homens, junto às sandálias de couro. Sobre os integrantes, eram em número de aproximadamente trinta pessoas em faixas etárias variadas. As apresentações duravam em média uma hora. Em termos de fluência e dinâmica, a dança acontecia em meio à formação de pares, os quais, por sua vez, formavam uma roda e começavam a proferir os cânticos que tinham por temática o cotidiano do trabalho, o amor e a própria história local; ainda sobre as cantigas, a cada integrante caberia proferir um trecho, bem como responder às falas cantadas pelo solista. Tal forma de expressão, embora não mais vigente no povoado, ainda se mostra viva na memória coletiva. No entanto, dois aspectos contribuíram para a não vigência dessa forma de expressão: a falta de apoio financeiro; e a falta de participação de jovens, pois a maioria não se identifica com formas de expressão tradicionais. Neste sentido, o Samba de Coco em Brejão dos Negros foi perdendo espaços na sociabilidade cotidiana. Já em Ilha das Flores, a memória local de acordo com Maria Djanira Bomfim refere-se à não mais vigência de tal forma de expressão há aproximadamente trinta anos. O grupo era formado em sua maioria por idosos - mulheres em maior número -, embora jovens e adultos também participavam. Sobre os integrantes, eram em número de aproximadamente trinta pessoas em faixa etárias variadas. As apresentações duravam em média uma hora. Essa forma de expressão mostra-se esquecida pela grande maioria dos seus moradores. Em Neópolis, o Samba de Coco dos Idosos da Pindoba é composto por vinte integrantes, a maioria de mulheres com mais de sessenta anos de idade, o grupo atual foi reativado no ano de 2006, depois de ter interrompido suas atividades por aproximadamente cinquenta anos. Sobre o grupo antigo, Celina Barroso Samuel informa que inspirou o grupo atual, o qual tenta reproduzir a dinâmica prevista nas apresentações daquele. A participação dos homens se dá através da sonoridade produzida pelo toque do pandeiro e do triângulo. Esta forma de expressão ganha importância para a vida local dado a forte identificação da população. Em Santana do São Francisco, o grupo é formado em sua maioria por idosos em número de 40 a 60 pessoas - mulheres predominam -, embora jovens e adultos também participem. A indumentária utilizada caracteriza-se por saia rodada com detalhes em flor, blusa, chapéu e sandália rasteira de couro. A quantidade de participantes pode variar de trinta e cinco a sessenta pessoas e o público é constituído de pessoas de todas as idades. As apresentações duram em média uma hora, podendo cumprir um tempo menor, para atender as prerrogativas dos eventos dos quais participam; em tais casos, uma quantidade reduzida de cânticos é pronunciada. A cada integrante cabe proferir um trecho, bem como responder às falas cantadas do solista. Um dos pontos mais importantes da apresentação e também aquele onde há maior diversão para o público é quando o cântico "xô pinto" é pronunciado. Cuícas, ganzás e zabumbas fomentam a sonoridade da festa. A fala de Jardilena da Silva informa ainda que nas escolas do município são ensinados o Samba de Coco e outros folguedos.						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS				SE	01	01	12	F1-	05
REGISTROS	F-Baixo São Francisco Retrato-de-Maria Elizete M. dos Santos_Souza, Eder_Povoado Mundé da Onça-SE_07-05-2012_01.jpeg	Nº57 A 59; 443 A 447; 478; 480; 491	Cf. Anexo 2						
	F-Baixo São Francisco Retrato-de-Maria Elizete M. dos Santos_Souza, Eder_Povoado Mundé da Onça-SE_07-05-2012_02.jpeg								
	F-Baixo São Francisco Retrato-de-Maria Elizete M. dos Santos_Souza, Eder_Povoado Mundé da Onça-SE_07-05-2012_03.jpeg								
	V-Baixo São Francisco Entrevista-Dona Amor (parte 1)_Andrade, Elza_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_00m54s.avi								
	V-Baixo São Francisco Entrevista-Dona Amor (parte 2)_Souza, Eder_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_07m00s.avi								
	V-Baixo São Francisco Entrevista-Dona Amor (parte 3)_Souza, Eder_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_02m23s.avi								
	V-Baixo São Francisco Entrevista-Dona Amor (parte 4)_Souza, Eder_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_01m17s.avi								
	V-Baixo São Francisco Entrevista-Dona Amor (parte 5)_Souza, Eder_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_00m39s.avi								
	A-Baixo São Francisco Entrevista-Maria Dias Ferreira Andrade, Elza_Souza, Eder_Povoado Brejão dos Negros-SE_08-05-2012_33m26s.wave								
	A-Baixo São Francisco Entrevista-Celina Barroso_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Pindoba-SE_07-05-2012_18m15s.wave								
	A-Baixo São Francisco Entrevista-Jardilena da Silva_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_20m22s.wave								
CONTATOS	Adalto do Carmo (“Joinha”); Maria Djanira Bomfim; Edilsa Celestina Santos; Celina Barroso Samuel (Inha); Jardilena da Silva (Dona Amor)	Nº2,12, 14,30,40	Cf. Anexo 4						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Reisado				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		19
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☒ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ciclo Natalino e Junino / Celebração da Padroeira (Neópolis)	LUGAR	Praça da Igreja Católica do Povoado Brejão dos Negros (Brejo Grande) / Praça da Igreja do Povoado Bongue, Jenipapo e Bongue (Ilha das Flores) / Praça da Igreja Católica do Povoado Mundé da Onça (Neópolis) / Próximo à Igreja Católica, Sede do Município, <u>Povoado Saúde</u> (Santana do São Francisco)			
DESCRIÇÃO	De matriz portuguesa, o Reisado instalou-se em Sergipe ainda no período colonial. A encenação, composta por dançarinos, tocadores e cantadores, que rende homenagens em face do à chegada do Messias com conotações vinculadas à guerra, acontece não somente no período natalino, mas também em ocasiões festivas relacionadas a santos católicos. Tons de comédia também aparecem em alguns momentos da apresentação. As cantigas mencionavam a louvação ao som de zabumba, pandeiro e triângulo. Dispostos em duas filas, os chamados cordões encarnado e azul, as figuras inerentes à apresentação são: Rei, Mestra, Contramestra, Mariquita, Papagaio, Borboleta, Cigana, Matheus, Lua, Cabocla, Guriatã e Deusa do Baile. Esta última é quem comanda a apresentação, dando início às cantigas a serem pronunciadas com suas respectivas “partes” ou “bailados”, que são as encenações executadas por cada personagem. Além das cantigas aprendidas com gerações anteriores, temas que inferem sobre o cotidiano local são também trabalhados. Identificado no povoado Brejão dos Negros, o Reisado foi categorizado como memória em razão de sua não mais vigência há aproximadamente 30 anos. Ainda conta com antigos integrantes desenvolvendo práticas vinculadas a outras formas de expressão cultural, principalmente o Maracatu. Maria Dias Ferreira (“D. Lila”) não explicitou de forma assertiva os reais motivos da não mais vigência da prática no povoado, informando apenas que a maior parte da comunidade tem no Maracatu maior interesse. D. Lila, líder do grupo de Maracatu “Patrocínio do Brejão”, nos informa sobre aspectos identitários vinculados à antiga da forma de expressão no povoado dizendo que, em tempos anteriores, Reisado, Pastoril, Chegança e o próprio Maracatu eram brincadeiras vivenciadas com bastante entusiasmo e de forma até espontânea pelos habitantes locais. Atualmente, novas formas de “distração”, como a televisão, por exemplo, provocam certo desinteresse em realizar tal prática. Já em Ilha das Flores, o bem cultural foi identificado nos povoados Bongue, Serrão e Jenipapo, sendo que, apenas no primeiro foi constatada sua vigência. Sendo que o grupo vigente apresenta-se em festivais de cultura e arte organizados pelos poderes públicos municipais de outros municípios, como é o caso de Neópolis. Os personagens e a própria dinâmica da encenação em si obedece às formulações comumente relacionadas ao bem cultural em outras regiões do Estado. Aliás, a entrevistada Maria Djanira Bomfim reconhece ter sofrido influência de municípios vizinhos para o feito da prática. Há que se destacar, no que concerne à importância do Reisado para a vida local, que muitas falas de habitantes demonstraram desconhecer a incidência de tal forma de expressão, o que foi analisado pelos entrevistados como o real desinteresse da maioria dos integrantes da comunidade, principalmente dos jovens. Tal condição constitui um argumento também utilizado pelos informantes dos povoados Jenipapo e Serrão, onde o Reisado foi categorizado como Ruína e Memória, respectivamente, para a não mais vigência de tal forma de expressão. No caso do povoado Serrão, ainda é possível encontrar integrantes do antigo grupo, marcadamente de pessoas idosas, as quais também brincavam o Pastoril, tendo demonstrado certo interesse em retornar às atividades. Já no povoado Jenipapo o bem cultural foi categorizado como “ruína” em face de sua não mais vigência há aproximadamente 30 anos, bem como da falta de referência vinculada à memória social da maioria dos seus habitantes. Edilsa Celestina Santos ressaltou o completo desinteresse das novas gerações por tais tipos de formas de expressão, em face das novas dinâmicas de lazer exercidas por estas e que são caracterizadas pela procura, em povoados e até municípios vizinhos, de eventos festivos marcados por apresentações de bandas						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		SE	01	01	12	F1-	05
	de forró e <i>axé music</i>. A informante ressalta ainda que o Reisado era praticado antigamente nas portas das casas, em noites de lua, de forma espontânea, configurando um momento de sociabilidade para os moradores do lugar. Em Neópolis, a memória local refere não ser mais vigente o Reisado de Nossa Senhora da Aparecida há pouco menos de cinco anos, devido à falta do integrante do grupo que representava a personagem do Mateus. Este teria ido embora do município. No entanto, a fala local refere que os demais membros continuam dispostos a manter as atividades, não o tendo resgatado ainda tanto por questões relativas “aos afazeres de cada um”, quanto pela dificuldade em manter o desprendimento financeiro relativo às despesas com a indumentária utilizada na apresentação. O relato de D. Lizete (Maria Elizete Matias dos Santos) destaca ainda a dificuldade encontrada pelo grupo para custear o pagamento dos tocadores de zabumba e sanfona, responsáveis por promover a sonoridade da apresentação. Além disso, o transporte para outros povoados, bem como a própria sede do município, sempre constituiu um desafio a ser solucionado pelos integrantes do grupo, os quais, aliada à falta do integrante que exercia o personagem do Mateus, entenderam ser de bom grado interromper por tempo indeterminado as apresentações. Pelo que foi relatado, o Reisado ainda constitui uma forma de expressão bastante importante para a vida local dada à forte identificação da população. No município de Santana do São Francisco, antes praticado tanto na sede quando no povoado Saúde, sua memória ainda é preservada principalmente nas falas dos moradores mais antigos. A fala da entrevistada Maria Eunice Santos Santana, bem como dos demais informantes, destaca a figura do “Boi” como sendo um dos personagens mais marcantes da apresentação, o qual tinha simbolicamente suas partes divididas entre os participantes num dos bailados. Mencionaram também a reação entusiasmada do público que assistia as apresentações entoando aplausos e solicitando, por meio de contribuição financeira, que repetissem alguns bailados. Sobre a não mais vigência de tal forma de expressão, tanto na sede, quanto no povoado, os informantes aludem para a falta de interesse tanto por parte da comunidade em si, “da juventude que não se interessa mais por esse tipo de coisa”, quanto do próprio poder público municipal que não mais interfere positivamente no sentido de incentivar a prática. Ficou explicitada a nostalgia presente na fala dos entrevistados em face de uma forma de expressão que lhes marcou a infância, indicando seu profundo interesse em resgatá-la.						
REGISTROS	V-Baixo São Francisco_Entrevista-Dona Amor (parte 1)_Andrade, Elza_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_00m54s.avi V-Baixo São Francisco_Entrevista-Dona Amor (parte 2)_Souza, Eder_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_07m00s.avi V-Baixo São Francisco_Entrevista-Dona Amor (parte 3)_Souza, Eder_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_02m23s.avi V-Baixo São Francisco_Entrevista-Dona Amor (parte 4)_Souza, Eder_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_01m17s.avi V-Baixo São Francisco_Entrevista-Dona Amor (parte 5)_Souza, Eder_PovoadoSaúde-SE_05-05-2012_00m39s.avi A-Baixo São Francisco_Entrevista-Maria Dias Ferreira_Andrade, Elza_Souza, Eder_Povoado Brejão dos Negros-SE_08-05-2012_33m26s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Maria Eunice Santos Santana_Souza, Eder e Andrade, Elza_Santana_do_São Francisco-SE_05-05-2012_45m23s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Jardilena da Silva_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_20m22s.wave	Nº443 A 447; 478; 481; 491	Cf. Anexo 2				
CONTATOS	Maria Dias Ferreira (“Dona Lila”); Maria Djanira Bomfim; Jorge “Veinho”; Edilsa Celestina Santos; Clésio Pereira dos Santos (“Cacau”); Maria Elizete Matias dos Santos (“Dona Lizete”); Maria Eunice Santos Santana	Nº1,12, 13,14,15, 27, 31	Cf. Anexo 4				

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Grupo de Maracatu do Povoado Brejão dos Negros				IDENTIFICADO		20
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ciclo Junino, Natalino e Festa da Padroeira (novembro)	LUGAR	Povoado Brejão dos Negros e na sede do município (Brejo Grande)			
DESCRIÇÃO	O Maracatu existe há quase 100 anos no povoado remanescente de quilombolas Brejão dos Negros, em Brejo Grande, sendo praticado pelos primeiros habitantes descendentes de escravos que ali viveram. O grupo Maracatu do Povoado Brejão existe por volta de setenta anos, passado de pai para filho, sendo atualmente comandado pelo entrevistado Adalto do Carmo, conhecido como "Joinha". Apresentam-se com frequência, independentemente de datas fixas e de serem convidados para algum evento, pois em geral está atrelado às celebrações ou formas de sociabilidade permeadas pela religiosidade afro-brasileira, a exemplo do Candomblé. A maioria das apresentações ocorre em meio à espontaneidade e desejo de "fazer a brincadeira", refere o entrevistado. Os cantos remetem ao cotidiano do trabalho, da vida cultural ribeirinha, dos amores e à memória coletiva da antiga condição de submissão em relação aos brancos, quando da escravidão, a exemplo dos seguintes versos: <i>"Aqui tem nego, Marimbondinho sinhá / Aqui tem nego, Marimbondinho sinhá / É por cima, é por baixo, É por todo lugar / Aqui tem nego, Marimbondinho sinhá..."</i>. Porém, vale ressaltar que além dos cantos aprendidos com os antepassados, composições são realizadas, bem como improvisadas no momento da apresentação e reproduzidas em tom de repente de forma a interagir com o público, o qual participa, inclusive, reproduzindo os passos dos integrantes. Mesmo com 70 anos de existência, afirma Adalto do Carmo, o grupo não teve reconhecimento público e estava declinando suas atividades, mas parte da comunidade envolveu-se no que chamam de "resgate cultural" e mantiveram o Maracatu. Atualmente a interação com o público é algo recorrente, e o entrevistado afirma que as danças exercidas pelos integrantes do grupo durante a apresentação acabam por ser reproduzidas pelo público. Desse modo, trata-se de uma forma de expressão em que há participação e interação com a comunidade e regiões do entorno, apresentando, portanto, forte relação sociossimbólica com a cultura e a vida local. O Maracatu em Brejão dos Negros é uma prática que revela características que permitem identificá-lo como referência cultural e associada à ascendência afro-brasileira na região do Baixo São Francisco. No entanto, segundo o entrevistado, poucas pessoas tornam-se mestres desta brincadeira, visto que já foi bastante desvalorizado em âmbito local, em certa medida devido à relação entre o Maracatu e o Candomblé. Como o Maracatu sempre teve sua imagem associada ao Candomblé, era visto como algo não permitido e discriminado, principalmente pela Igreja Católica. Assim, ao lado de outros brincantes, ele tenta manter o Maracatu como tradição independentemente da religião, mas como referência para o povoado, pois expressa não somente a cultura afro-brasileira, como também um dos marcos de referência da sociabilidade étnica de Brejo Grande.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Maracatu-Adalto-do-Carmo_Souza, Eder_BrejoGrande-SE_08-05-2012.jpeg V-Baixo São Francisco_Maracatu-do-Brejão, Mídia Jovem_Brejo Grande-SE_09-2009_11m12s.avi V-Baixo São Francisco_Maracatu-Adalto-do-Carmo (parte1)_Souza, Eder_Povoado Brejão dos Negros-SE_08-05-2012_01m41s.avi V-Baixo São Francisco_Maracatu-Adalto-do-Carmo (parte2)_Souza, Eder_Povoado Brejão dos Negros-SE_08-05-2012_00m58s.avi V-Baixo São Francisco_Maracatu-Adalto-do-Carmo (parte3)_Souza, Eder_Povoado Brejão dos Negros-SE_08-05-2012_00m36s.avi V-Baixo São Francisco_Maracatu-Adalto-do-Carmo (parte4)_Souza, Eder_Povoado Brejão dos Negros-SE_08-05-2012_01m28s.avi				Nº1; 419; 421 A 425; 477		Cf. Anexo 2

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	V-Baixo São Francisco_Maracatu-Adalto-do-Carmo (parte5)_Souza, Eder_Povoado Brejão dos Negros-SE_08-05-2012_01m12s.avi A-Baixo São Francisco_Entrevista-Adalto do Carmo_Andrade, Elza_Souza, Eder_Povoado Brejão dos Negros-SE_08-05-2012_30m02s.wave		
CONTATOS	Adalto do Carmo (“Joinha”)	Nº2	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Maracatu Patrocínio Brejão				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		21
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ciclo Junino, Natalino e Festa da Padroeira (novembro)	LUGAR	Povoado Brejão dos Negros (Brejo Grande)			
DESCRIÇÃO	De origem afro-brasileira, surgido em meados do século XVIII, o Maracatu possui elementos que misturam as demais etnias que ajudaram a compor a formação do povo brasileiro. No município de Brejo Grande, mais especificamente no povoado Brejão dos Negros, uma comunidade remanescente de quilombolas, as características acerca do Maracatu e das práticas de afrodescendentes são também enunciadas. Embora o estado de Pernambuco apresente grande força e tradição quanto a tal manifestação cultural, em outros estados o Maracatu também se mostra presente, inclusive com algumas peculiaridades. É o caso do “Grupo de Maracatu Patrocínio Brejão” existente no povoado Brejão dos Negros, no município de Brejo Grande, em Sergipe. Neste povoado, um grupo de crianças meninas fazia roupas com folhagem de araticum e brincavam no quintal de casa. Por diversão, reproduziam os passos dos que assistiam no primeiro grupo de Maracatu já existente no povoado há quase 100 anos. Já adultas, no final da década de 1960, algumas dessas mulheres se uniram para organizar um grupo, vigente até os dias atuais. Denominado de “Grupo de Maracatu Patrocínio Brejão”, a composição se dá com quarenta integrantes, tendo em sua formação homens e mulheres de idades variadas, sendo que jovens e crianças demonstram bastante interesse em participar. Umas das diferenças em relação ao Maracatu pernambucano é o modo de tocar o tambor, o qual se dá com as mãos e não com baquetas. As temáticas presentes nos cantos remetem à história do povoado, ao cotidiano do trabalho, aos amores. A matriz africana é mencionada nos cantos, porém não foi referida uma identificação intensa com a antiga condição de quilombo do povoado, como também com características afro-religiosas, a exemplo do Candomblé, visto suas integrantes não se referirem como identidade negra, afirmou a entrevistada. A interação com o público é algo recorrente, e a entrevistada, Maria Dias Ferreira, refere-se ao fato de que as danças exercidas pelos integrantes do grupo durante a apresentação acabam por ser reproduzidas pelo público. Desse modo, trata-se de uma forma de expressão em que há participação e interação com a comunidade e regiões do entorno, apresentando, portanto, forte relação sociossimbólica com a cultura e a vida local do município, inscrita através de enunciados que revelam características que permitem identificá-la como referência cultural e associada à descendência afro-brasileira na região do Baixo São Francisco, inclusive ao Candomblé. No entanto, apesar de ser uma comunidade reconhecida como Quilombola pelo Ministério Público Federal e Governo Federal, não há o reconhecimento pleno de parte da população do povoado, que nega o próprio nome Brejão dos Negros, chamando somente de Brejão. O Maracatu Patrocínio do Brejão não se identifica com os rituais do Candomblé, religião a qual o Maracatu sempre teve sua imagem associada, por conseguinte, como algo não permitido e discriminado, principalmente pela Igreja Católica. Considerando-se como forma de expressão lúdica, para entretenimento, assim como decorreu sua própria formação através do grupo de meninas. No entanto é possível inferir que a prática do Maracatu pode ser identificada como referência para o povoado, pois expressa não somente a cultura afro-brasileira, mas um dos marcos de referência da sociabilidade étnica de Brejo Grande.						
REGISTROS	V-Baixo São Francisco_Maracatu-Patrocínio-do-Brejão, Selo Mundo Melhor_Brejo Grande-SE_17-01-2010_03m34s.avi A-Baixo São Francisco_Entrevista-Maria Dias Ferreira Andrade, Elza_Souza, Eder_Povoado Brejão dos Negros-SE_08-05-2012_33m26s.wave				Nº420 e 478	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Maria Dias Ferreira (“Dona Lila”)				Nº1	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Guerreiro				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		22
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☒ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ciclo Natalino e Junino	LUGAR	Praça da Matriz do Povoado Brejão dos Negros (Brejo Grande) / Praça da Igreja Católica do Povoado Bongue, Sede do Município e Praça da Igreja do Povoado Jenipapo (Ilha das Flores) / Praça da Igreja Católica do Povoado Mundé da Onça e Praça da Igreja Católica do Povoado Mussuípe (Neópolis) / Adro da Igreja Católica da Sede do Município; Praça da Igreja Católica do Povoado Saúde (Santana do São Francisco)			
DESCRIÇÃO	Guerreiro é um auto natalino que traz consigo elementos inerentes ao Reisado, outra forma de expressão que remonta à memória de alguns municípios do Baixo São Francisco. Em grande parte desta região existiram grupos que agregavam as comunidades dos municípios principalmente durante a época de Natal ou festividades de cunho católico e apresentavam-se para celebrar lendas existentes que aludem às interações sociais e conflitos entre índios, reis e generais. Não sendo propriamente expressão da vida sociocultural das comunidades ribeirinhas do São Francisco, mas conformava a sociabilidade entre vários brincantes, o Guerreiro também traduz o ideário católico bastante presente no imaginário popular e devido à forma de ocupação decorrente da presença dos jesuítas. Assim como ocorre em outros Estados, a encenação, em meio a danças e cantigas, acontece por partes e ordens de figuras até que se chega ao ponto culminante dimensionada pela batalha entre o índio Peri e o Mestre. As cantigas também entoam o cotidiano do trabalho, do amor e da celebração pelo nascimento do Menino Jesus. Dois são os tipos de passos executados: valsa e pisada. A sonoridade do auto é realizada por meio de zabumba e sanfona. Atualmente, o reconhecimento destes grupos, assim como de outras formas de expressão, caiu em declínio devido ao fato do público juvenil não se identificar com a brincadeira e também ao desinteresse ou dificuldades de antigos brincantes darem continuidade ao folguedo. Não mais vigente em Ilha das Flores há aproximadamente quinze anos tanto na sede do município quanto no Povoado Bongue. No povoado Jenipapo pode ser considerada ruína visto o longo tempo que existiu o folguedo e não há mais brincantes vivos. Em Brejão dos Negros houve um grupo de Guerreiro que teve seu reconhecimento público por muitos anos e apresentava-se principalmente durante a época de Natal ou festividades de cunho católico. Maria Dias Ferreira não soube dizer quantos anos existiu este folguedo e devido a ausência de registros não há como precisar o tempo de existência do grupo. Contudo deixou de ser vigente há aproximadamente 20 anos devido à falta de incentivo comunitário e financeiro para a formação de novos mestres e indumentárias. Já o grupo Guerreiro “Santa Cruz” em Neópolis é vigente há aproximadamente trinta anos e composto por doze integrantes entre homens e mulheres. Esta forma de expressão ganha importância para a vida local dada a forte identificação da população, pois tem reconhecimento público e apresenta-se nas praças da sede ou dos demais povoados de Neópolis, principalmente durante a época de Natal ou festividades de cunho católico, como também nos encontros culturais que ocorrem anualmente no município. No entanto, apesar de sua importância para a sociabilidade local, a falta de incentivo financeiro para a formação de novos mestres e indumentárias torna-se uma preocupação para a continuidade do grupo de acordo com Maria Elizete Matias dos Santos. Ainda assim, os brincantes procuram incentivar os jovens e crianças a participarem assim como confeccionam os artefatos, compram ou alugam instrumentos. Ainda em Neópolis o grupo Guerreiro de Dona Nira é composto por doze integrantes entre homens e mulheres. Vigente há aproximadamente 20 anos, já passou pelo comando de outros mestres e obteve reconhecimento da comunidade local. O grupo utiliza a indumentária em tons de verde e vermelho em vestidos rodados customizados com fitas coloridas, lantejoulas e paetês. Os homens usam calça branca e camisa amarela. Também há uma preocupação em se reproduzir os detalhes que dimensionam a condição nobre dos personagens, tais como mantos, calções e						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		SE	01	01	12	F1-	05
	coroas ricamente enfeitados. Esta forma de expressão ganha importância para a vida local dada a forte identificação da população mais velha do povoado. Em Santana do São Francisco eram grupos com forte reconhecimento público, no entanto não atuam há pelo menos 20 anos, pois há dificuldades em manter viva a tradição devido à falta de interesse dos jovens por associarem o folgado a uma brincadeira de idosos, assim como a falta de financiamento público municipal para a confecção das indumentárias e o auxílio no deslocamento destaca Jardilena da Silva.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Praça-e-Igreja-Matriz-de-Santo-Antônio-de-Pádua_Souza, Harisson_Ilha das Flores-SE_23-03-2011.jpeg F-Baixo São Francisco_Retrato-de-Maria Elizete M. dos Santos_Souza, Eder_Povoado Mundé da Onça-SE_07-05-2012_01 F-Baixo São Francisco_Retrato-de-Maria Elizete M. dos Santos_Souza, Eder_Povoado Mundé da Onça-SE_07-05-2012_02 F-Baixo São Francisco_Retrato-de-Maria Elizete M. dos Santos_Souza, Eder_Povoado Mundé da Onça-SE_07-05-2012_03 F-Baixo São Francisco_Retrato-de-Djanira Ramos dos Santos_Souza, Eder_Povoado Mussuípe-SE_06-05-2012_01.jpeg V-Baixo São Francisco_Guerreiro-Dona-Nira (parte 1)_Souza, Eder_Povoado Mussuípe-SE_06-05-2012_01m01s.avi V-Baixo São Francisco_Guerreiro-Dona-Nira (parte 2)_Souza, Eder_Povoado Mussuípe-SE_06-05-2012_03m49s.avi V-Baixo São Francisco_Entrevista-Dona Amor (parte 1)_Andrade, Elza_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_00m54s.avi V-Baixo São Francisco_Entrevista-Dona Amor (parte 2)_Souza, Eder_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_07m00s.avi V-Baixo São Francisco_Entrevista-Dona Amor (parte 3)_Souza, Eder_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_02m23s.avi V-Baixo São Francisco_Entrevista-Dona Amor (parte 4)_Souza, Eder_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_01m17s.avi V-Baixo São Francisco_Entrevista-Dona Amor (parte 5)_Souza, Eder_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_00m39s.avi A-Baixo São Francisco_Entrevista-Maria Dias Ferreira_Andrade, Elza_Souza, Eder_Povoado Brejão dos Negros-SE_08-05-2012_33m26s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Maria Eunice Santos Santana_Souza, Eder e Andrade, Elza_Santana_do_São Francisco-SE_05-05-2012_45m23s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Jardilena da Silva_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_20m22s.wave	Nº19;57 A 59;60; 440; 441; 443 A 447; 478; 481; 491	Cf. Anexo 2				
CONTATOS	Maria Dias Ferreira (“Dona Lila”); Maria Djanira Bomfim; Jorge “Veinho”; Edilsa Celestina Santos; Maria Elizete Matias dos Santos (“Dona Lizete”); Djanira Ramos dos Santos (“Dona Nira”); Maria Eunice Santos Santana; Jardilena da Silva (Dona Amor)	Nº1,12, 13, 14, 27, 28, 31, 40	Cf. Anexo 4				

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Chegança				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		23
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Celebração do Bom Jesus dos Navegantes (fevereiro) e Ciclo Junino e Natalino	LUGAR	Praça da Igreja Católica do Povoado Brejão dos Negros (Brejo Grande) / Praça da Igreja Católica do Povoado Bongue e Sede do Município (Ilha das Flores) / Praça da Igreja Matriz e Praça de Eventos, Sede (Neópolis) / Praça principal do município e Povoado Saúde (Santana do São Francisco)			
DESCRIÇÃO	Presente na memória dos habitantes de Brejo Grande, e muito comum em regiões ribeirinhas, a dramatização de forma de expressão simula as façanhas marítimas dos portugueses no Império português e sua vitória contra os mouros e o islamismo no século XV. Composta predominantemente por homens, a Chegança tinha nas “marchas”, passo executado pelos brincantes, bem como nas encenações de embarque e desembarque ao som de apitos e pandeiros, segundo a memória social local, grande repercussão no público. Com média de quatorze integrantes, estes eram dispostos entre Capitão-Piloto, Capitão-Tenente, Almirante, General, Padre, Médico, Pandeiristas, Guarda Marinho, Patrão, Comissário, Cozinheiro, Mestre, Contramestre, Sargento Mar de Guerra, Padre, Gajeiros (duas crianças) e Marinheiros (soldados rasos). Sobre a dinâmica da apresentação, a fala de Maria Dias Ferreira destacou o entusiasmo do público, principalmente das crianças, em face da indumentária utilizada pelos integrantes do grupo, caracterizada por motivos parecidos com uniformes da marinha. Faz-se importante destacar ainda a relação de tal forma de expressão com as celebrações católicas, principalmente a festa do Bom Jesus dos Navegantes, época principal de execução da prática. Embora não mais vigente em Brejo Grande há aproximadamente 30 anos, ainda se revela viva na memória coletiva da memória dos habitantes mais antigos. As informações prestadas por informantes locais explicitaram que a maioria dos antigos integrantes dos grupos de Chegança era também daqueles que praticavam o Pastoril e o próprio Maracatu. Já em Ilha das Flores, não é mais vigente há aproximadamente quinze anos, que, segundo Jorge “Veinho”, concerne à falta de incentivo, tanto por parte da comunidade, a qual demonstra pouco entusiasmo em relação à forma de expressão (principalmente por parte das novas gerações), quanto do próprio poder público, afirmam. Em Neópolis, o grupo existe há mais de setenta anos, e hoje conta com aproximadamente quatorze integrantes. A entrevistada Roseane Dias nos diz que há uma forte preocupação por parte dos integrantes do grupo com a indumentária a ser utilizada, a qual é caracterizada por roupas brancas, semelhantes às usadas por marinheiros - do lado português - e de seda amarela e vermelha adornados com fitas coloridas - representando os mouros. As evoluções presentes na dinâmica da apresentação incluem marchas (principal passo realizado) ritmadas ao som de apitos e pandeiros. Cita como ponto alto da apresentação, o momento do “Combate” entre as partes, onde o público demonstra bastante entusiasmo, inclusive acompanhando com palmas. Tal forma de expressão tem sido praticada também em escolas do município, numa tentativa de manter tal tradição viva na comunidade. Também em Santana do São Francisco há exatos quatro anos não é mais vigente. A fala do entrevistado, João Enfermeiro, antigo líder do grupo, faz questão de destacar os momentos mais importantes da apresentação, as chamadas “partes”, como a “estocada do patrão e piloto”, “guarda marinho”, “a prisão do patrão”, “a prisão do piloto” e o “mar de guerra” e a “rendição dos mouros”. O informante explica que teria ensinado a prática no município vizinho, Neópolis, inclusive em escolas. No entanto, nos chama a atenção para o fato de que a falta de subsídios financeiros e o desânimo da maioria dos integrantes do grupo teriam provocado seu fim. A fala do entrevistado informou ainda ter sido alvo de preconceito por parte do público, o que teria lhe provocado, bem como aos demais integrantes do grupo, profundo constrangimento e rejeição à ideia de retorno à prática.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Praça-e-Igreja-Matriz-de-Santo-Antônio-de-				Nº19;448	Cf. Anexo 2	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	Pádua_Souza, Harisson_Ilha das Flores-SE_23-03-2011.jpeg V-Baixo São Francisco_Entrevista-João Baptista Pereira (parte 1)_Andrade, Elza_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_02m08s.avi V-Baixo São Francisco_Entrevista-João Baptista Pereira (parte 2)_Malta, Eder_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_00m40s.avi V-Baixo São Francisco_Entrevista-João Baptista Pereira (parte 3)_Malta, Eder_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_02m15s.avi A-Baixo São Francisco_Entrevista-Maria Dias Ferreira Andrade, Elza_Souza, Eder_Povoado Brejão dos Negros-SE_08-05-2012_33m26s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-João Baptista Pereira Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_29m36s.wave	A 450; 478; 492	
CONTATOS	Maria Dias Ferreira (“Dona Lila”); Jorge “Veinho”; Roseane Dias dos Santos Pereira; João Baptista Pereira (João Enfermeiro)	Nº1, 13, 25, 41	Cf. Anexo 4

DENOMINAÇÃO	Casamento do Matuto				IDENTIFICADO		24
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ciclo Junino	LUGAR	Entorno e Sede do Povoado Brejão dos Negros (Brejo Grande) / Sede e entorno do Povoado Jenipapo (Ilha das Flores)			
DESCRIÇÃO	O Casamento do Matuto é uma encenação sobre o casamento que acontece logo após a moça ficar grávida, em que os pais obrigam o rapaz a se casar com ela. Mesmo tentando fugir, acaba por ser impedido pela polícia e levado até o altar. Tal representação acontecia em meio a muitas brincadeiras e logo após um passeio no entorno do povoado composto por carroças enfeitadas com pindobas e flores, bem como cavaleiros e amazonas. As carroças levavam os componentes da quadrilha, com destaque para a noiva e seu pai portando uma arma na frente das demais. Ao término da cerimônia de casamento, a quadrilha começava e o forró pé de serra, já com a interação do público, só parava em altas horas da madrugada. Não mais vigente há aproximadamente vinte anos nos municípios, diferentemente de Ilha das Flores, em Brejo Grande ainda constitui um dos principais elementos vivos na memória coletiva da comunidade.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Maria Dias Ferreira_Andrade, Elza_Souza, Eder_Povoado Brejão dos Negros-SE_08-05-2012_33m26s.wave				Nº478	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Maria Dias Ferreira (“Dona Lila”); Maria Djanira Bomfim; Edilsa Celestina Santos				Nº1, 12, 14	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Quadrilha			IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		25
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☒ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ciclo Junino	LUGAR	Praça da Igreja Católica do Povoado (Brejo Grande) / Praça da Igreja Católica do Povoado Bongue e Jenipapo (Ilha das Flores) / Praça Principal da Sede e Praça principal do Povoado Saúde (Santana do São Francisco)		
DESCRIÇÃO	Contradança que teve influência dos salões parisienses, a Quadrilha, antes de cair nos gostos populares e se tornar uma das maiores expressões do ciclo junino, passou pelos salões nobres do Brasil do século XIX. Já inserida nos festejos juninos, principalmente nos estados nordestinos, a quadrilha foi modificada quanto à música, à dança e à indumentária utilizada. Maria Dias Ferreira remete a não mais vigência de tal forma de expressão há aproximadamente vinte anos em Brejo Grande; e de acordo com Jorge “Veinho” há mais de sessenta anos na sede do Município de Ilha das Flores e no povoado Bongue e trinta anos no povoado Jenipapo. Já em Santana do São Francisco, a Quadrilha “Xamego Bom” está vigente há mais de setenta anos e a Quadrilha dos Idosos, em número aproximado de vinte e cinco pessoas, há mais de cinquenta anos. Nos municípios Brejo Grande e Ilha das Flores desenvolveu-se a quadrilha tipo “matuta”, caracterizada por maior espontaneidade dos participantes que tendiam a representar personagens como o noivo e a noiva, o padre, o pai da noiva, o juiz e o delegado, o rei e a rainha do milho. Tendo em média uma hora de duração, a apresentação acontecia por partes nas quais se realizavam os passos e as coreografias, tais como “Olha a chuva!”, “É mentira”, “Caminho da roça”, “Quebra do caranguejo”, “Xote” e o que seria o ponto culminante da apresentação, o “Xaxado”. Na maioria dos passos, a forma dos meninos dançarem é batendo o pé de forma rápida e as meninas cruzando as pernas. O público interage fortemente com a apresentação, acompanhando com palmas e até mesmo reproduzindo alguns passos que observam.					
REGISTROS	V-Baixo São Francisco_Entrevista-Dona Amor (parte 1)_Andrade, Elza_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_00m54s.avi V-Baixo São Francisco_Entrevista-Dona Amor (parte 2)_Souza, Eder_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_07m00s.avi V-Baixo São Francisco_Entrevista-Dona Amor (parte 3)_Souza, Eder_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_02m23s.avi V-Baixo São Francisco_Entrevista-Dona Amor (parte 4)_Souza, Eder_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_01m17s.avi V-Baixo São Francisco_Entrevista-Dona Amor (parte 5)_Souza, Eder_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_00m39s.avi A-Baixo São Francisco_Entrevista-Maria Dias Ferreira_Andrade, Elza_Souza, Eder_Povoado Brejão dos Negros-SE_08-05-2012_33m26s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Maria Eunice Santos Santana_Souza, Eder e Andrade, Elza_Santana_do_São Francisco-SE_05-05-2012_45m23s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Jardilena da Silva_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Saúde-SE_05-05-2012_20m22s.wave			Nº443 A 447; 478, 481; 491	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Maria Dias Ferreira (“Dona Lila”); Jorge “Veinho”; Maria Eunice Santos Santana; Jardilena da Silva (Dona Amor)			Nº1,13, 31; 40	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Cavalgada				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		26
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Festejos Juninos (Brejo Grande) / Não possui data fixa, mas acontece sempre no segundo semestre (Santana do São Francisco)	LUGAR	Povoado Saramém (Brejo Grande) / Saída da Sede do Município até o Povoado Saúde (Santana do São Francisco)			
DESCRIÇÃO	A Cavalgada é um acontecimento vigente há aproximadamente vinte anos em ambos os municípios de Brejo Grande e Santana do São Francisco. Por motivo de diversão, cavaleiros se reúnem e, partindo das imediações da Igreja Católica do povoado em Brejo Grande, realizam um passeio no entorno da região. Em Santana do São Francisco os cavaleiros reúnem-se no conjunto residencial Albano Franco e saem em passeio até o povoado Saúde. São os próprios moradores dos municípios que organizam o evento, contando com patrocínio financeiro da prefeitura para pagamento de possíveis artistas que se apresentam no encerramento do passeio. Quanto aos integrantes, embora a maioria seja composta por habitantes dos próprios povoados em que ocorrem, homens e mulheres de outros povoados também participam do evento. Sobre o passeio a cavalo, ou seja, a cavalgada em si, esta é composta, além dos cavaleiros (homens e mulheres), também por carros de som que ajudam na animação da festa e motocicletas. O encerramento se dá com apresentação de banda de forró. Em relação à importância da festa para a vida local, há que se destacar o intenso grau de mobilização da comunidade e sua referência ao acontecimento como um dos mais significativos ali existentes.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Roberto Batista Cruz (parte 1)_Andrade, Elza_Santana_do_São Francisco-SE_06-05-2012_06m15s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Roberto Batista Cruz (parte 2)_Andrade, Elza_Santana_do_São Francisco-SE_06-05-2012_21m14s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Roberto Batista Cruz (parte 1)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Santana_do_São Francisco-SE_06-05-2012_23m32s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Roberto Batista Cruz (parte 2)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Santana_Santana_do_São Francisco-SE_06-05-2012_07m53s.wave				Nº484 A 487	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	José Bonfim Honorato; Odair.				Nº4; 36	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Gincana de Pesca				IDENTIFICADO		27
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Sábado de Aleluia e Domingo de Páscoa (Semana Santa)	LUGAR	Rio São Francisco, Sede do Município (Ilha das Flores)			
DESCRIÇÃO	A Gincana de Pesca trata-se de uma competição realizada em consonância com o período de celebrações católicas da Páscoa. É vigente há aproximadamente vinte anos e organizada pela associação de pescadores do município. Conta com intenso envolvimento da comunidade de Ilha das Flores, tanto participando da gincana quanto torcendo pelos competidores. Estes, advindos também de municípios vizinhos e até do estado de Alagoas, da cidade de Piaçabuçu. Embora a competição em si só aconteça no domingo pela manhã, no sábado começam os preparativos com a venda das camisas – que garantem a inscrição – e apresentação de artistas em mini trios elétricos tocando o ritmo axé. No domingo pela manhã, quarenta a cinquenta pessoas, predominantemente homens, concorrem entre si pela maior quantidade e qualidade de peixes a serem pescados; ao término da competição, três são premiados. Os peixes pescados pelos competidores são prontamente levados para a associação e preparados para consumo, numa grande festa que agrega o resto da comunidade. Embora sua vigência remeta a poucos anos, na fala de José Cornélio dos Santos foi possível perceber grande identificação da comunidade com tal forma de expressão, sobretudo por apontar ser aquele um momento de grande sociabilidade, inclusive com municípios vizinhos.						
REGISTROS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	José Cornélio dos Santos (“Quelêu”)				Nº17	Cf. Anexo 4	

DENOMINAÇÃO	Carnaval “Bobos”				IDENTIFICADO		28
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Carnaval	LUGAR	Ruas Principais da sede (Ilha das Flores)			
DESCRIÇÃO	Durante os dias de carnaval em Ilha das Flores, um grupo de pessoas vestidas com macacão largo em forma de morcego e máscaras de monstros saem pelas ruas da cidade “assustando” os moradores e pedindo dinheiro. O Carnaval dos Bobos trata-se de figuras satíricas que ajudam a corroborar com a irreverência do carnaval. Tal irreverência teria fomentado a denominação de “Bobos” aos brincantes. As roupas são confeccionadas no próprio município e as máscaras adquiridas em estabelecimentos do comércio local. A fala da entrevistada Ana Lúcia Almeida informa que a comunidade concebe nos “bobos” os principais personagens do carnaval do município, divertindo-se com sua indumentária e gestualidade.						
REGISTROS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Ana Lúcia Almeida Santos (D. Nena)				Nº10	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ciranda dos Idosos				IDENTIFICADO		29
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ciclo Junino	LUGAR	Praça da Igreja Católica do Povoado Serrão e Sede do Município (Ilha das Flores)			
DESCRIÇÃO	Vigente no município de Ilha das Flores, tal como prevê a fala de Clésio Pereira dos Santos, há mais de sessenta anos, a Ciranda dos Idosos é uma dança é praticada por um grupo predominante de mulheres com idade entre sessenta e oitenta anos. Caracterizada pela formação de uma grande roda, em alguns momentos algumas coreografias são realizadas através do feito de duas rodas - uma dentro da outra. Com passo firme e forte, dão dois passos para trás e dois para frente, sendo que o pé esquerdo determina o compasso dos passos. A dinâmica do ritmo é lenta e repetida. A dança acontece ao som da sanfona, viola e triângulo em meio às cantigas proferidas por uma cantora. Os temas cantados remetem ao amor, ao cotidiano do trabalho e da vida no município. As brincantes utilizam vestidos rodados de forma padronizada e sandálias rasteiras de couro. O público demonstra grande entusiasmo ao assistir as apresentações, chegando a entrar na roda e reproduzir os passos das dançarinas nos momentos finais da manifestação. Sobre sua importância para a vida local, tem-se que a Ciranda é uma das formas de expressão com a qual os habitantes do povoado e do próprio município demonstram forte identificação.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Praça-e-Igreja-Matriz-de-Santo-Antônio-de-Pádua_Souza, Harisson_Ilha das Flores-SE_23-03-2011.jpeg				Nº19	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Clésio Pereira dos Santos ("Cacau")				Nº15	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Bloco Zé Pereira				IDENTIFICADO		30
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Carnaval	Lugar	Rio São Francisco, sede e entorno do município (Neópolis)			
DESCRIÇÃO	Zé Pereira é uma brincadeira carnavalesca caracterizada por um ou vários foliões tocando bumbos e desfilando por ruas em um determinado município. Algumas versões atribuem que a denominação é advinda de um sapateiro português residente no Rio de Janeiro em meados do século XIX que teria formado um grupo carnavalesco. No entanto, alguns estudiosos afirmam que tal diversão já havia anteriormente em Portugal. De qualquer forma, ela teria se popularizado no cenário carioca e ganhado outras regiões do país. Neópolis, durante os dias de carnaval, é considerada a capital sergipana do frevo, atraindo foliões de todo o estado, bem como de regiões próximas, localizadas no estado de Alagoas. Desfilando pelas ruas principais da cidade, o arrastão é puxado pelo Bloco ao som de marchinhas dançadas com muita irreverência pelos milhares de brincantes. Os instrumentos tocados pelos integrantes do Bloco são, além dos supracitados, também saxofone e trombone. Bonecos gigantes e muito mela-mela (mistura de água, farinha e corantes naturais) lançado entre os integrantes do bloco ajudam a compor a animação que se dá durante todos os dias de carnaval. Os temas executados nas marchinhas são caracterizados pela facilidade de memorização, compasso binário, ritmo alternado e letras irônicas, engraçadas e de duplo sentido beirando o erotismo, em que o público acompanha dançando e proferindo as músicas tocadas. Outro quesito a ser destacado se dá quanto à ornamentação inerente ao Bloco, a qual é realizada no município pelos próprios foliões e caracteriza-se pelo feitio de máscaras customizadas em estandartes levados durante o arrastão, bonecos e guarda-chuvas. Embora não tenha sido possível verificar o primeiro ano de vigência do Bloco em Neópolis, o entrevistado Gildázio Piheiro de Oliveira refere ter sido no início do século XX (Fonte: http://www.educacaopublica.rj.gov.br. Acesso em: 05 de junho de 2012.)						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Banda-de-Frevo_Souza, Eder_Neópolis-SE_08-02-2012_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Banda-de-Frevo_Souza, Eder_Neópolis-SE_08-02-2012_02.jpeg F-Baixo São Francisco_Banda-de-Frevo_Souza, Eder_Neópolis-SE_08-02-2012_03.jpeg V-Baixo São Francisco_Zé Pereira-pelas-principais-ruas-de-Neópolis, Centro Educacional Municipal Tiradentes_Neópolis-SE_22-02-2011_07m04s.flv				Nº28 A 30; 435		Cf. Anexo 2
CONTATOS	Gildázio Pinheiro de Oliveira				Nº19		Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Corrida de Cavalo				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		31
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	1 de Maio	LUGAR	Conjunto Residencial Albano Franco, Sede (Santana do São Francisco)			
DESCRIÇÃO	A Corrida de Cavalo possui 21 anos de vigência e acontece em um sítio localizado no Residencial Conjunto Albano Franco, em Santana do São Francisco. Numa pista de terra batida, cavaleiros competem dois a dois por vez. Os cinco primeiros lugares são premiados em dinheiro, produtos eletroeletrônicos e arreios. Tal premiação é financiada pelos próprios moradores e comerciantes, sendo recolhida dias antes. O encerramento se dá com apresentação de forró pé de serra. O público é composto por moradores do próprio município, dos povoados e municípios circunvizinhos, e participa torcendo e realizando apostas. O momento da apresentação de forró aumenta a presença de público no evento. Sobre a importância para a vida local, tal forma de expressão, embora recente no município, mostra-se como uma das mais aguardadas e onde há forte engajamento da comunidade.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Roberto Batista Cruz (parte 1)_Andrade, Elza_Santana_do_São Francisco-SE_06-05-2012_06m15s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Roberto Batista Cruz (parte 2)_Andrade, Elza_Santana_do_São Francisco-SE_06-05-2012_21m14s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Roberto Batista Cruz (parte 1)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Santana_do_São Francisco-SE_06-05-2012_23m32s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Roberto Batista Cruz (parte 2)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Santana_Santana_do_São Francisco-SE_06-05-2012_07m53s.wave				Nº484 A 487	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	"Goizinho"				Nº38	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Presépio				IDENTIFICADO		32
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDICÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ciclo Natalino	LUGAR	Próximo a Igreja Católica da Sede (Santana do São Francisco)			
DESCRIÇÃO	De matriz portuguesa, o Presépio trata-se de um auto de natal que guarda algumas semelhanças com o Pastoril. É formado por atos compostos por bailados, diálogos, cantigas e diálogos homenageando o nascimento do Menino Jesus. Entre os personagens, tem-se a Mestra, Contramestra, Diana, anjo e diabo. Tal como no Pastoril, é a Diana quem comanda a apresentação, incitando as cantigas e os atos da apresentação. A indumentária caracterizava-se por roupas de seda verde e vermelha, chapéus enfeitados com flores e sandálias de couro rasteira. O público aplaudia calorosamente a encenação. Não mais vigente em Santana do São Francisco, tal forma de expressão mostra-se ainda viva na memória coletiva de alguns moradores do município, no entanto é desconhecida pela maioria dos jovens que não tiveram contato com esta forma de expressão, segundo Maria Eunice Santos Santana.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Maria Eunice Santos Santana_Souza, Eder e Andrade, Elza_Santana_do_São Francisco-SE_05-05-2012_45m23s.wave				Nº481	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Maria Eunice Santos Santana				Nº31	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Banda de Pífano São Francisco Dois Irmãos				IDENTIFICADO		33
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ciclo Junino e Festa do Bom Jesus dos Navegantes (fevereiro) e Casamentos da Comunidade	LUGAR	Povoado Saúde (Santana do São Francisco) e Penedo/AL			
DESCRIÇÃO	Vigente há quinze anos em Santana do São Francisco, o atual grupo da Banda Pífano São Francisco Dois Irmãos formou-se também com o objetivo de resgatar as atividades de um antigo grupo que ali se apresentava. Iniciativa de dois irmãos, ambos pescadores, atualmente o grupo conta com cinco integrantes que realizam a performance musical de percussão e sopro, tendo por formação a incidência de dois tocadores de pífano, um tocador de zabumba, e dois tocadores de caixa, destaca José Ademar. O pífano, que comanda a apresentação, é semelhante à flauta, e feito de madeira produzido em Santana do São Francisco. A apresentação dura em média trinta minutos, quando realizada no Ciclo Junino e no tempo da procissão do Bom Jesus dos Navegantes, acompanhando-a. A indumentária utilizada é caracterizada por camisa azul que leva o nome do grupo e calça de cor não padronizada. Os componentes são pescadores e trabalhadores rurais com idades entre quarenta e sessenta anos. As cantigas reproduzem o cotidiano do trabalho, amor e também louvações ao Bom Jesus dos Navegantes. Um dos pontos altos da apresentação é quando entoam a “A Briga do Cachorro com a Onça”, “Sabiá” e “Asa Branca”. Não realizam ensaios com frequência; na maioria dos casos, reúnem-se minutos antes da apresentação e combinam quais as músicas a serem executadas. O público interage com a apresentação dançando e cantando as músicas executadas pelo grupo. Sobre a importância para a vida local, foi observado que a maioria dos habitantes conhece e aprecia fortemente tal forma de expressão.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Retrato-José Ademar (Pífano)_Souza, Eder_Povoado Saúde-SE_06-05-2012.jpeg				Nº95	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	José Ademar				Nº42	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

2.4. LUGAR

DENOMINAÇÃO	Porto de Carapeba				IDENTIFICADO		34
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Atual	LUGAR	Margem do Rio São Francisco (Brejo Grande)			
DESCRIÇÃO	É uma pequena vila de pescadores localizada às margens do Rio São Francisco, em Brejo Grande. O espaço é apropriado para diversos usos cotidianos em que se observa a sociabilidade dos moradores, o uso do rio pelas lavadeiras de roupas, a lavagem de animais e as canoas atracadas. É também um espaço para a utilização comercial, pois há um atracadouro para embarque e desembarque de pessoas e mercadorias, principalmente o arroz. Há ainda um restaurante no local. A paisagem natural é formada por vegetação composta por mangueiras e bananeiras, e por uma ilha do outro lado do rio, composta predominantemente de coqueiros, perceptíveis em toda a região fluvial de Brejo Grande.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Porto-de-Carapeba_Andrade, Elza_Brejo Grande-SE_08-02-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Porto-de-Carapeba_Souza, Eder_Brejo Grande-SE_08-05-2012.jpeg				Nº12 E 13	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Rodrigo Messias dos Santos				Nº7	Cf. Anexo 4	

DENOMINAÇÃO	Porto da Balsa (Prainha) de Brejo Grande				IDENTIFICADO		35
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Atual	LUGAR	Margem do Rio São Francisco (Brejo Grande)			
DESCRIÇÃO	O espaço é apropriado para diversos usos cotidianos em que se observa a sociabilidade dos moradores, o uso do rio pelas lavadeiras de roupas, a lavagem de animais e as canoas atracadas. É também um espaço para usos turísticos e comerciais, pois há um pequeno porto para embarque e desembarque de pessoas que seguem para os municípios ou povoados vizinhos de Alagoas e Sergipe, como também é um dos principais locais de acesso à Foz do Rio São Francisco. Há ainda um restaurante no local. No Porto da Balsa está atracada a Canoa de Tolda Luzitânia, restaurada pelo Iphan. A paisagem natural é formada por vegetação composta por mangueiras e bananeiras, e por uma ilha do outro lado do rio, composta predominantemente de coqueiros, perceptíveis em toda a região fluvial de Brejo Grande.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Porto-da-Balsa_Souza, Eder_Brejo Grande-SE_08-05-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Porto-da-Balsa_Souza, Eder_Brejo Grande-SE_09-05-2012.jpeg				Nº10 E 11	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Rodrigo Messias dos Santos				Nº7	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Povoado Cabeço				IDENTIFICADO		36
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐						
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde a fundação do Povoado	LUGAR	Margem do Rio São Francisco, próximo à Foz (Brejo Grande)			
DESCRIÇÃO	O Povoado Cabeço era uma antiga comunidade de pescadores de Brejo Grande. Sua existência data por volta de 1850. Mas o que marcou sua vida social foi a construção do farol, que a partir de 1876 orientou a navegação no Rio São Francisco. Desde 1988, metade de sua estrutura encontra-se submersa pelo mar, que avançou sobre a área térrea do antigo povoado, hoje totalmente submerso, restando da antiga comunidade apenas uma faixa de areia e parte do mesmo. A comunidade desapareceu após a construção da Hidrelétrica de Xingó, em Canindé do São Francisco, que ao represar o Rio São Francisco causou perda de força de sua vazão em torno de 45% e causou um desequilíbrio na foz entre as forças do rio e do oceano. Após a invasão marítima, os moradores foram transferidos para o Povoado de Saramém, que fica a quase 1 km da foz. No ano 2000, saíram os últimos moradores. No entanto, algumas famílias (em torno de 15) retornaram ao local, tornando-o lugar de moradia ou de veraneio. A prainha do povoado continua sendo apropriada como lugar de sociabilidade para banhos de mar ou rio, para acampamento e navegação até a foz do rio. Como os pescadores perderam seu lugar de referência de atividade pesqueira, muitos tiveram que optar em viver do turismo em Saramém e outros do artesanato de palha ou da confecção de doces que são vendidos nas croas da foz.						
REGISTROS	V-Baixo São Francisco_Globo-Mar-Foz-do-Rio-São-Francisco_Paglia, Ernesto_Povoado Cabeço-SE_31-05-2012_22m29s.avi				Nº428	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Sociedade Socioambiental do Baixo São Francisco - Canoa de Tolda				Nº3	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Foz do Rio São Francisco				IDENTIFICADO		37
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Atual	LUGAR	Foz do Rio São Francisco (Brejo Grande)			
DESCRIÇÃO	A Foz do Rio São Francisco abrange 3 municípios: Brejo Grande e Pacatuba, em Sergipe, e Piaçabuçu, em Alagoas. Tem como limites: o rio São Francisco que deságua no Oceano atlântico, entre os municípios de Brejo Grande e Piaçabuçu. A área de influência direta de sua foz abrange uma faixa litorânea com cerca de 25 km de extensão para o sul, até Ponta dos Mangues, área praia, no município de Pacatuba. Ao norte, aproximadamente 18 km de praia até o povoado de Pontal do Peba (AL). Sua área total é de aproximadamente 100 km². A área não está inserida em nenhuma unidade de conservação. Apresenta, na margem sergipana, alto nível de assoreamento. A foz do rio São Francisco abrange um complexo de ambientes de planície costeira, composto por uma série de canais, lagunas e várzeas interligados entre si, e um rio principal que deságua no oceano. Na margem direita do rio São Francisco, pouco antes da foz, parte da planície costeira é constituída por uma série de ilhas (Arambipe, Sal, Capim, Cruz, Cacimba, Esperança e Funil), no interior das quais predominam solos halomórficos, com influência das marés e vegetação típica de manguezal. Na região costeira, as praias e dunas completam o sistema de ambientes da foz do rio São Francisco (Sousa, 2011). Além das características naturais proporcionadas pelo encontro do Rio São Francisco com o Oceano Atlântico, há os usos turísticos destinados aos visitantes dessas paragens. Saindo de Saramém, a foz encontra-se a uns 20 minutos num passeio de canoa motorizada. Muitos moradores deste povoado levam produtos artesanais, como a cocada e as bolsas em palha de Ouricuri (que são feitas em Alagoas e ornamentadas em Saramém), para vender aos turistas. Então, ao chegar em uma das croas que conformam a área descrita acima, é possível observar o comércio de artesanato. A foz pode ser considerada lugar, como demarcação natural e simbólica para o município, pois é referenciada pela população ribeirinha como local de forte "turismo". Ganha destaque pelas paisagens naturais e pelo movimento constituído pelas canoas e barcos de pesca e passeio.						
REGISTROS	V-Baixo São Francisco_Globo-Mar-Foz-do-Rio-São-Francisco_Paglia, Ernesto Povoado Cabeço-SE_31-05-2012_22m29s.avi				Nº428	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Sociedade Socioambiental do Baixo São Francisco - Canoa de Tolda				Nº3	Cf. Anexo 4	

DENOMINAÇÃO	Orla de Ilha das Flores				IDENTIFICADO		38
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Atual	LUGAR	Rio São Francisco, Sede (Ilha das Flores)			
DESCRIÇÃO	Localizada à beira do Rio São Francisco, a orla de Ilha das Flores possui estrutura simples, arborizada, e um calçadão de mais ou menos 2 km. Acrescente-se ainda uma parte não calçada, onde se situam alguns estaleiros de canoas e a Associação de Pescadores do Município. A orla é apropriada como lugar de sociabilidade e encontros entre pescadores que atracam suas canoas e barcos em praticamente toda a margem, que proporciona uma bela paisagem vernácula aliada à paisagem natural formada pelo rio e croas. Como lugar, crianças e famílias se banham no rio praticamente todos os dias da semana. Cotidianamente os pescadores sentam-se à sombra das árvores e aproveitam o local para tecer redes de pesca, jogar baralhos, beber etc.						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Orla_Costa, Carlos_Ilha das Flores-SE_04-09-2009.jpeg F-Baixo São Francisco_Orla_Botelho, Tarcísio_Ilha das Flores-SE_30-04-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Vista-Aérea_Abel, Inácio_Ilha das Flores-SE_04-09-2009.jpeg	Nº23, 25, 26	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Ana Lúcia Almeida Santos (D. Nena)	Nº10	Cf. Anexo 4

DENOMINAÇÃO	Orla de Neópolis				IDENTIFICADO		39
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Atual	LUGAR	Margem do Rio São Francisco (Neópolis)			
DESCRIÇÃO	Em 2002, no projeto inicial de inauguração da orla de Neópolis, descrevia-se um calçadão de 1.300 metros, praça de eventos, jardineiras, iluminação, quiosques, bar, restaurante, área de lazer com campo de areia para prática esportiva, muro de contenção e um atracadouro. No entanto, a orla apresenta-se em mal estado de conservação, com pouca iluminação, e não há mais serviços nem a área de lazer com o campo de areia; pode ser considerado, portanto, como parte de um projeto inacabado. O atracadouro ainda existe e de lá muitas embarcações saem para os municípios vizinhos do Baixo São Francisco: Ilha das Flores e Brejo Grande (SE) e Piaçabuçu e Penedo (AL). Parte da sua estrutura, principalmente a que beira o rio, é usada como lugar de sociabilidade e encontros entre pescadores que atracam suas canoas e barcos em praticamente toda a margem, proporcionando uma bela paisagem vernácula aliada à paisagem natural formada pelo rio e croas. Crianças e famílias banham-se no rio praticamente todos os dias da semana. Antes de chegar ao estado atual, a orla abrigou diversos eventos culturais e feiras de artesanato. Na mesma área, antes da constituição da orla havia o único cinema da cidade. Ao final da orla, novo projeto foi construído, tornando-se uma Praça de Eventos onde atualmente é o principal espaço para a realização de shows e prática de esportes cotidianos.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Orla_Souza, Eder_Neópolis-SE_10-02-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Orla_Souza, Eder_Neópolis-SE_11-02-2012_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Orla_Souza, Eder_Neópolis-SE_11-02-2012_02.jpeg F-Baixo São Francisco_Orla_Souza, Eder_Neópolis-SE_11-02-2012_03.jpeg F-Baixo São Francisco_Orla_Souza, Eder_Neópolis-SE_11-02-2012_04.jpeg				Nº37 A 41	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Gildázio Pinheiro de Oliveira				Nº19	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Praça da Matriz de Neópolis				IDENTIFICADO		40	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐							
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Atual	LUGAR	Praça da Matriz, Sede (Neópolis)				
DESCRIÇÃO	Praça de estrutura simples, com alguns bancos, jardins, árvores e um chafariz. Não há registros sobre as formas de apropriação da praça desde sua origem, mas possivelmente era o lugar de sociabilidade das camadas abastadas da cidade. Em seu entorno estão as igrejas do Rosário e de Santo Antônio, entre outros equipamentos: bares, prefeitura, fórum etc. Atualmente agrega grande parte da sociabilidade entre as crianças, os jovens e os idosos, além de apresentar-se conservada. É nesta praça que se reúnem os blocos carnavalescos de Neópolis, sendo um dos principais lugares da cidade, confirma Gildázio pinheiro de Oliveira.							
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Praça da Matriz_Souza, Eder_Neópolis-SE_07-02-2012_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Praça da Matriz_Souza, Eder_Neópolis-SE_07-02-2012_02.jpeg				Nº55 E 56	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Gildázio Pinheiro de Oliveira				Nº19	Cf. Anexo 4		

DENOMINAÇÃO	Mirante de Santana do São Francisco				IDENTIFICADO		41	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐							
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Atual	LUGAR	Entorno da Praça Matriz, Sede (Santana do São Francisco)				
DESCRIÇÃO	Espaço localizado no entorno da Praça Matriz, em Santana do São Francisco. Destinado aos usos cotidianos, feito com calçada do tipo Pedra Portuguesa, possui alguns bancos e um parapeito com vistas para o Rio. Deste lugar observa-se do alto a paisagem formada pelo Rio São Francisco. É considerado um ponto de visita “turística” para aqueles que buscam conhecer o artesanato local. Cotidianamente muitos jovens agregam-se para tecer a sociabilidade.							
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Mirante_Souza, Eder_Santana do São Francisco-SE_06-05-2012_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Mirante_Souza, Eder_Santana do São Francisco-SE_06-05-2012_02.jpeg				Nº72, 73	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 4		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Prainha da Saúde				IDENTIFICADO		42
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐						
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde a fundação do Povoado Saúde	LUGAR	Margem do Rio São Francisco (Santana do São Francisco)			
DESCRIÇÃO	A “Prainha” localiza-se em uma croa próxima ao Povoado Saúde. O lugar é conformado pelo banco de areia e vegetação rasteira, sendo acessível a qualquer transeunte. Não há registros e datas oficiais que demonstrem sua condição atual formada por bares em toda a margem da praia. Instituições como o IBAMA e a ADEMA (Administração Estadual do Meio-Ambiente – Sergipe) participaram do projeto inicial de construção de uma orla naquele espaço. No entanto, até o início do ano 2001 havia somente 17 bares que foram destruídos pela enchente. O local foi reconstruído e há uma média de 20 bares beirando a margem do rio, não padronizados, sem indicação de infraestrutura sanitária e de saneamento, embora a população banhe-se nas águas da Prainha. Referenciado pela população do Povoado Saúde, o lugar tornou-se um espaço de sociabilidade pública para a população de Santana do São Francisco e Neópolis, principalmente nos finais de semana. Há venda de produtos artesanais de Santana do São Francisco e muitas canoas atracam em sua margem, pois é também lugar de sociabilidade dos pescadores e de navegação. Na Prainha ocorrem alguns importantes eventos para este município: Procissão do Bom Jesus dos Navegantes, Corrida de Canoas e Carnaval.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Prainha_Souza, Eder_Povoado Saúde-SE_06-05-2012_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Prainha_Souza, Eder_Povoado Saúde-SE_06-05-2012_02.jpeg F-Baixo São Francisco_Prainha_Souza, Eder_Povoado Saúde-SE_06-05-2012_03.jpeg F-Baixo São Francisco_Prainha_Souza, Eder_Povoado Saúde-SE_06-05-2012_04.jpeg F-Baixo São Francisco_Prainha_Souza, Eder_Povoado Saúde-SE_12-02-2012_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Prainha_Souza, Eder_Povoado Saúde-SE_12-02-2012_02.jpeg F-Baixo São Francisco_Prainha_Souza, Eder_Povoado Saúde-SE_12-02-2012_03.jpeg				Nº75 A 81	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Evaldo Soares Silveira				Nº43	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Croas de Santana do São Francisco				IDENTIFICADO		43	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐							
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Atual	LUGAR	Rio São Francisco (Santana do São Francisco)				
DESCRIÇÃO	Pequenas ilhas de areia branca que surgem com o movimento da maré do Rio São Francisco. A população de Santana do São Francisco apropria-se destes espaços naturais para exercer a sociabilidade geralmente nos finais de semana ou quando a maré baixa, permitindo o acesso às croas. Para chegar às croas é preciso ir de canoa ou barco a motor. Esta mobilidade proporciona renda extra aos pescadores. As croas são referidas como lugar onde as famílias do povoado e de outras regiões passam o dia e voltam ao entardecer. Reúnem-se para beber, fazer música, tomar banho de rio em água mais limpa, acampar, pescar e nadar.							
REGISTROS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 4		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

2.5. OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

DENOMINAÇÃO	Ofício da Pesca Artesanal da Foz do São Francisco				IDENTIFICADO		44
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Annual	LUGAR	Rio São Francisco e Foz (Brejo Grande, Ilha das Flores, Neópolis, Santana do São Francisco)			
DESCRIÇÃO	A pesca praticada nos municípios de Brejo Grande, ilha das Flores, Neópolis e Santana do São Francisco é o do tipo artesanal, caracterizada pelo uso ou não de canoas e pela mão de obra familiar. Os peixes comumente pescados são Pirás, Piracemas, Bagres e até Robalos, um tipo marítimo que é capturado na região pela proximidade do rio com o oceano. Pesca-se com o auxílio de equipamentos rudimentares como a rede de cerco, o arrasto simples e duplo, a tarrafa, a linha e anzol. Sobre o aprendizado do ofício de pescador, a maioria tem seus primeiros contatos com o ofício ainda adolescente ao acompanhar seus familiares na pescaria. Esta prática é, dentre todos os ofícios, a que diretamente agrega vida social e atividade econômica. Afinal, é através da pesca que muitos habitantes ribeirinhos começam a vivenciar o contato com o rio, a ter o conhecimento acerca dos tipos de peixe, de embarcação, técnicas de pescar, uso corporal etc. e também constitui um lugar de sociabilidade cotidiana que é o próprio rio. A atividade tem por finalidade a subsistência, sendo que o pequeno excedente é vendido localmente. A associação de pescadores tem por função única o registro dos pescadores para fins de subsídio financeiro à época do defeso. Embora essa não seja uma atividade econômica muito importante nos municípios, a pesca artesanal aparece como uma atividade importante para o sustento das famílias. De outro modo, a pesca é também considerada uma prática sociocultural, visto ser uma região ribeirinha e os adolescentes passam a pescar ao lado dos familiares e amigos mais velhos, aproveitando este momento para tecer a sociabilidade e vivenciar o próprio rio como lugar cotidiano. O conhecimento sobre o Rio São Francisco não fica somente restrito às suas paisagens ou margem, mas os locais de sociabilidade que os pescadores e suas famílias conhecem, a exemplo das croas (bancos de areia).						
REGISTROS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Ana Lúcia Almeida Santos (D. Nena) - (Ilha das Flores); José Bonfim Honorato (Brejo Grande); José Cornélio dos Santos ("Quelêu") (Ilha das Flores); Manuel Santos Bispo (Pateta) (Neópolis); Evaldo Soares Silveira (Santana do São Francisco)				Nº4; 10; 17; 23; 43	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ofício da Culinária da Foz do São Francisco				IDENTIFICADO		45
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Brejo Grande, Ilha das Flores, Neópolis, Santana do São Francisco			
DESCRIÇÃO	Enquanto região ribeirinha, pode-se dizer que a culinária nos municípios de Brejo Grande, Ilha das Flores, Neópolis e Santana do São Francisco é fortemente influenciada por condição geográfica, bem como pela mistura das culturas portuguesa, indígena e africana. Peixes e frutos do mar são consumidos através de receitas como Muqueca de Peixe, Muqueca de Camarão e Peixada. Ingredientes vegetais são inseridos em tais receitas, com destaque para o coco, comum na região. Pratos provenientes das tradições indígena, portuguesa e africana, bem como de sua mistura, também fazem parte do cardápio dos habitantes da Localidade Foz do São Francisco, tais como Arroz Doce, Baião de Dois, Mugunzá, Bolo de Mandioca, Pé de Moleque, Cocada, Cuscuz de Mandioca, Feijoada, Galinhada. Especialmente em Ilha das Flores, é costume alguns desses alimentos serem servidos em dias específicos da semana, independentemente de festejo ou celebração. Incorporado ao universo simbólico dos seus habitantes, o cardápio é mantido inadvertidamente, sendo caracterizada pela galinhada aos domingos, feijoada às terças-feiras, carne cozida com legumes às quintas-feiras e peixada às sextas-feiras.						
REGISTROS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Ana Lúcia Almeida Santos (D. Nena) - (Ilha das Flores); Roberto Batista Cruz (Neópolis); Walmir Militão (Santana do São Francisco)				Nº10; 26 E 39	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ofício de mestre canoeiro de Neópolis				IDENTIFICADO		46
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Sede (Neópolis)			
DESCRIÇÃO	Apelidado como Pateta, o senhor Manoel é reconhecido pela comunidade de Neópolis como o maior mestre canoeiro da região. Hoje com 64 anos de idade, iniciou seu ofício aos quatorze anos. Durante a infância, já realizava miniaturas dos barquinhos que observava no rio. Em sua adolescência, aprendeu com um parente os caminhos da marcenaria, o que logo lhe proporcionou o domínio da técnica do feitiço de barcos. Ainda naquela época, confeccionava canoas e lanchas, utilizando por matéria-prima principal a madeira. Também pescador durante muitos anos, o mestre nos dias atuais possui uma oficina localizada ao lado da própria residência onde trabalha com um filho que também aprendeu o ofício. Os tipos de embarcação produzida são Canoa de Pesca, Canoa Chata, Canoa de Competição e Lanchas. Sobre a madeira utilizada, os tipos são Cedro, Massaranduba, Ouro Canela e Ouro Vermelho, estas, em sua grande parte, trazidas de Belém do Pará, no norte do país. No entanto, durante muitos anos a madeira era colhida na própria região do Baixo São Francisco e trabalhada com uso de ferramentas rudimentares e não elétricas como as que já são utilizadas atualmente. Quanto às ferramentas, atualmente faz uso de serra circular, plana elétrica, serrinha “tico-tico” e formão, mas adverte que durante muitos anos trabalhava apenas com ferramentas rudimentares, o que lhe exigia maior desenvoltura técnica. O tempo de feitiço da canoa de pesca é de aproximadamente oito dias para obter a mais comumente produzida. A fase inicial de confecção é aquela do mestre de proa ou “rombo”, ao qual são juntadas as duas partes laterais e a popa. Em seguida, coloca-se a subpopa e os bancos. O entrevistado apresentou uma de suas criações, o barco para competição, caracterizado por maior comprimento e menor largura, apresentando um tipo de armação desenvolvida no próprio estaleiro. Sobre o apelido, o entrevistado explica que advém das imitações que fazia quando criança dos personagens dos filmes protagonizados por um grupo cômico de atores norte-americanos denominados “Três Patetas”. Conhecido na região ribeirinha que compõe o estado de Sergipe e algumas áreas de Alagoas, o mestre canoeiro é também reconhecido por seu ofício como um patrimônio vivo da região.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Estaleiro-Naval_Souza, Eder_Neópolis-SE_09-05-2012_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Estaleiro-Naval_Souza, Eder_Neópolis-SE_09-05-2012_02.jpeg V-Baixo São Francisco_Entrevista-Manuel Santos Bispo (parte 1)_Souza, Eder_Neópolis-SE_09-05-2012_09m28s.avi V-Baixo São Francisco_Entrevista-Manuel Santos Bispo (parte 2)_Souza, Eder_Neópolis-SE_09-05-2012_07m43s.avi				Nº53 E 54; 432 E 433		Cf. Anexo 2
CONTATOS	Manuel Santos Bispo (Pateta)				Nº23		Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de Fazer da Ornamentação Carnavalesca em Neópolis				IDENTIFICADO		47
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Carnaval	LUGAR	Rio São Francisco, sede e entorno do município (Neópolis)			
DESCRIÇÃO	Nos dias que antecedem o carnaval em Neópolis, foliões também integrantes do Bloco se reúnem a fim de decidir sobre os principais elementos que irão compor a ornamentação do “Zé Pereira”. Máscaras, estandartes, bonecos e guarda-chuvas são confeccionados com muitas cores, estampas e brilhos. Pessoas de várias idades executam o trabalho, alguns de forma voluntária, outros contratados, como é o caso das costureiras que realizam a vestimenta dos bonecos, figuras indispensáveis ao Bloco. Tudo é feito de forma completamente artesanal e coletiva, havendo ali um momento de grande sociabilidade.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Ornamentação-Carnavalesca_Souza, Eder_Neópolis-SE_08-02-2012_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Ornamentação-Carnavalesca_Souza, Eder_Neópolis-SE_08-02-2012_02.jpeg F-Baixo São Francisco_Ornamentação-Carnavalesca_Souza, Eder_Neópolis-SE_08-02-2012_03.jpeg F-Baixo São Francisco_Ornamentação-Carnavalesca_Souza, Eder_Neópolis-SE_08-02-2012_04.jpeg F-Baixo São Francisco_Ornamentação-Carnavalesca_Souza, Eder_Neópolis-SE_08-02-2012_05.jpeg				Nº32 A 36	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Ana Paula Santos da Silva				Nº22	Cf. Anexo 4	

DENOMINAÇÃO	Modo de Fazer Bordado em Ponto de Cruz em Neópolis				IDENTIFICADO		48
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Carnaval	LUGAR	Sede (Neópolis)			
DESCRIÇÃO	Embora não mais vigente no município de Neópolis, Milaneza Oliveira Santos Vieira refere já ter havido expressiva produção, inclusive tendo contado com uma associação de bordadeiras ainda na década passada. De matriz portuguesa, o Ponto de Cruz é um tipo de bordado bastante praticado no nordeste como um todo. Enquanto matéria-prima, são necessários o pano é tamine (que já possui quadradinhos onde o bordado deverá ser feito), linha de diversas cores e agulha. A técnica baseia-se na confecção de pontos transversais abertos nos “quadrados” do pano, começando sempre da direita para a esquerda, para em seguida retornar cruzando tais pontos no sentido inverso. A bordadeira realiza pontos (cada ponto corresponde a uma cruz) de modo a reproduzir o desenho que observa na “mostra” ou modelo que objetiva alcançar. Os resultados ilustram flores, animais, nomes próprios e variados desenhos. A entrevistada remete que “dá para fazer o que se quiser com ponto de cruz”. O bordado é utilizado em enxovais, artigos de decoração e até peças de vestuário. O motivo da não mais vigência do ofício é referido pela falta de ganhos com a comercialização das peças confeccionadas.						
REGISTROS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Milaneza Oliveira Santos Vieira				Nº24	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ofício do Artesanato em Palha de Ouricuri da Foz do São Francisco			IDENTIFICADO		49
				☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Associação Formiguinhas, Povoado Passagem (Neópolis); Brejo Grande		
DESCRIÇÃO	Realizado na associação denominada Formiguinhas, o artesanato em palha de Ouricuri é atualmente reconhecido em toda a região do Baixo São Francisco Sergipano. Trata-se de um modo de fazer baseado no trançado em palha de pindoba (a planta na qual é colhida o Ouricuri). No povoado de Passagem, em Neópolis, o ofício foi trazido por três mulheres que aprenderam no município de Coruripe (AL), no entanto sofreu mudanças significativas depois que as artesãs, já organizadas em associação, receberam interferência do SEBRAE por meio de cursos de capacitação. As artesãs passaram a realizar o trançado de forma minuciosa, aprimorando o que aprenderam e incorporando novas técnicas à produção. Mandalas, cestarias, luminárias, jogos de mesa tipo “americano”, bolsas de vários tamanhos e até quadros são confeccionados a partir de três tipos de trançado na palha: o trançado, o rasteiro e o enrolado, aos quais aliam-se as técnicas de découpage e pintura. Às peças são inseridas sementes colhidas na própria região como a canafistula e a castanhola, e partes da casca de coco, cabaças e vidros. A criatividade é um elemento a ser destacado, constituindo uma preocupação das produtoras. Elas afirmam realizar pesquisas que têm por finalidade a identificação de possíveis modelos de peças a serem confeccionados nos moldes do trançado, bem como atender às expectativas e fruções do mercado consumidor. Alessandra da Silva e José Lino dos Santos dizem que as produtoras fazem ainda questão de ressaltar sua preocupação em orientar os responsáveis por colher as folhas de pindoba sobre o jeito correto de fazê-lo para que não ocorra a extinção de tal planta. Sobre a associação, atualmente conta com doze integrantes registradas e reconhecidas no âmbito legal. Organizam-se dividindo os trabalhos, inclusive as encomendas, contribuindo mensalmente com o valor de R\$ 5,00 e uma peça de R\$ 15,00. À rendeira cabe o lucro pela venda do produto que ela produzir, sendo descontado pela associação apenas o valor dos materiais utilizados na confecção da peça. Embora haja um espaço para a venda dos artigos no próprio povoado, localizado na entrada da associação, as entrevistadas informam que é fora do município, na capital do Estado, que obtém seus maiores ganhos. SEBRAE, Governo do Estado e a prefeitura subsidiam participações em feiras de artesanato também em outras regiões do país, onde podem divulgar sua arte e de onde recebem encomendas. Tendo por vigência pouco menos de vinte anos, o artesanato produzido pela Associação Formiguinhas de Neópolis mostra-se crescente quanto à produção e comercialização, ajudando a complementar a renda familiar das artesãs envolvidas no feito das peças. Em Brejo Grande, um grupo de homens e mulheres confecciona cestarias, bolsas e chapéus a partir da palha extraída da palmeira do Ouricuri. A técnica, trazida do contato com os municípios vizinhos do Estado de Alagoas, baseia-se no trançado fechado da palha, de modo a dar a forma desejada. A incidência do feito na região parece ter se dado há menos de duas décadas e pode-se dizer que uma pequena parcela da população realiza tal atividade. Sobre a comercialização, grande parte da produção segue destino para o estado de Alagoas, já que os produtores afirmam não haver grandes possibilidades de consumo na própria região.					
REGISTROS	V-Baixo São Francisco_Entrevista-Formiguinhas (parte 1)_Souza, Eder_Povoado Passagem-SE_07-05-2012_04m44s.avi V-Baixo São Francisco_Entrevista-Formiguinhas (parte 2)_Souza, Eder_Povoado Passagem-SE_07-05-2012_16m13s.avi V-Baixo São Francisco_Entrevista-Formiguinhas (parte 3)_Souza, Eder_Povoado Passagem-SE_07-05-2012_01m21s.avi V-Baixo São Francisco_Entrevista-Formiguinhas (parte 4)_Souza, Eder_Povoado Passagem-SE_07-05-2012_02m19s.avi			Nº436 A 439	Cf. Anexo 2	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

CONTATOS	José Lino dos Santos (Brejo Grande); Alexsandra da Silva ("Sandra") (Neópolis)			Nº11; 29	Cf. Anexo 4
DENOMINAÇÃO	Ofício do Artesanato em Barro e Argila de Santana do São Francisco			IDENTIFICADO ☒ SIM NÃO 50	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO				
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA				
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Praticamente em todas as ruas da cidade; Cooperativa de artesanato (Santana do São Francisco)	
DESCRIÇÃO	Sobre as origens da prática do artesanato em barro e argila em Santana do São Francisco, Roberto Batista Cruz refere-se ter sido trazida ainda no século XIX por Messias Gomes, neto do fundador de Carrapicho, o português Pedro Gomes. A primeira cerâmica no município passou a empregar seus moradores, porém, a produção e o aprimoramento da técnica teriam impulso com a chegada de um alagoano da cidade de Penedo, localizada na outra margem do rio, chamado João Igreja. O artesanato passou a ser produzido em escala cada vez maior e não tão somente na cerâmica, mas também de forma completamente artesanal nos quintais das casas dos artesãos. Roberto sugere que a possibilidade de trabalho advinda da prática artesanal teria atraído moradores de regiões vizinhas. Ali, aprendiam a confecção de artigos de decoração, tal como jarros de variados tipos e tamanhos e utensílios domésticos, os quais eram vendidos, principalmente, na cidade de Penedo. Ainda sobre o desenvolvimento do ofício, duas razões teriam facilitado seu sucesso: a boa qualidade do barro, e a potencialidade de comercialização das peças produzidas, as quais, em sua maioria, eram destinadas ao uso doméstico. Assim, ao longo de todo o século XX, o fabrico do artesanato desenvolveu-se em todo o município, de modo que, nos dias atuais, a cidade é considerada a capital sergipana do barro, em que mais de 70 % de sua população está envolvida na produção artesanal. Tem-se o uso de argila natural, geralmente colhida na beira do rio, a qual é lavada para retirada das impurezas e obtenção de uma textura mais fina. A técnica mais comumente utilizada é a do torno, caracterizada pelo giro numa velocidade constante, em que o artesão modela a peça. Em seguida, é levada ao forno numa temperatura mínima de 900° C na primeira queima. Após tal processo, se for o caso, o artigo é pintado e decorado manualmente. O destaque da produção vai para peças comooringas, potes, alguidares, cofrinhos, jarros e o destaque para as reproduções de sapos, muito vendidas por simbolizar a prosperidade. Sua comercialização se dá no próprio município no centro de artesanato, o qual, embora leve o nome de Cooperativa de Carrapicho, não mais funciona como tal. Sobre isso, os artesãos informam que cada um trabalha de forma independente, apenas dividindo o mesmo espaço.				
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Artesanato em Barro_Vasconcelos, Vanessa_Santana do São Francisco-SE_11-02-2012_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Artesanato em Barro_Vasconcelos, Vanessa_Santana do São Francisco-SE_11-02-2012_02.jpeg F-Baixo São Francisco_Artesanato em Barro_Vasconcelos, Vanessa_Santana do São Francisco-SE_11-02-2012_03.jpeg F-Baixo São Francisco_Artesanato em Barro_Vasconcelos, Vanessa_Santana do São Francisco-SE_11-02-2012_04.jpeg F-Baixo São Francisco_Artesanato em Barro_Vasconcelos, Vanessa_Santana do São Francisco-SE_11-02-2012_05.jpeg F-Baixo São Francisco_Claudionor Santos (Artesão)_ Vasconcelos, Vanessa_Santana do São Francisco-SE_11-02-2012_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Claudionor Santos (Artesão)_ Vasconcelos, Vanessa_Santana do São Francisco-SE_11-02-2012_02.jpeg F-Baixo São Francisco_Claudionor Santos (Artesão)_ Vasconcelos, Vanessa_Santana do São Francisco-SE_11-02-2012_03.jpeg F-Baixo São Francisco_Claudionor Santos (Artesão)_ Vasconcelos,			Nº61 A 71; 442; 488 A 490	Cf. Anexo 2

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	01	12	F1-	05
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	Vanessa_Santana do São Francisco-SE_11-02-2012_04.jpeg F-Baixo São Francisco_Retrato-Nanozinho (Artesão)_ Vasconcelos, Vanessa_Santana do São Francisco-SE_11-02-2012_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Retrato-Nanozinho (Artesão)_ Vasconcelos, Vanessa_Santana do São Francisco-SE_11-02-2012_02.jpeg V-Baixo São Francisco_Claudionor Santos (Artesão)_ Vasconcelos, Vanessa_Santana do São Francisco-SE_11-02-2012_01m27s.avi A-Baixo São Francisco_Entrevista-Claudionor Santos (parte 1)_Vasconcelos, Vanessa_Santana do São Francisco-SE_11-02-2012_02m04s.mp3 A-Baixo São Francisco_Entrevista-Claudionor Santos (parte 2)_Vasconcelos, Vanessa_Santana do São Francisco-SE_11-02-2012_12m46s.mp3 A-Baixo São Francisco_Entrevista-Nanozinho_Vasconcelos, Vanessa_Santana do São Francisco-SE_11-02-2012_45m04s.mp3		
CONTATOS	Roberto Batista Cruz (Beto da "SUCAM")	Nº26	Cf. Anexo 4

3. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	Eder Cláudio Malta Souza. Elza Guimarães Andrade. Alexandre Borim.		
SUPERVISOR	Tarcísio Rodrigues Botelho.		
PREENCHIDO POR	Eder Cláudio Malta Souza. Elza Guimarães Andrade.		DATA 24 de maio de 2012.
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Tarcísio Rodrigues Botelho (coordenação). Alexandre Borim (co-coordenação).		